

ANO I—N.º 35—PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 15 DE JANEIRO DE 1942

OS MONUMENTOS DE LISBOA iluminados por projectores eléctricos adquirem uma nova beleza. É o caso da estátua equestre de D. José que reproduzimos nesta bela foto de A. Seródio.



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

RAZÕES PROFUNDAS da guerra no Extremo Oriente pelo tenente-coronel Lello Portella

A guerra que actualmente se está desenvolvendo nos mares do Pacifico, será a consequência do conflito europeu ou terá outras causas diferentes?

A sua eclosão no momento presente deriva certamente do conflito europeu, porém as razões profundas que a originaram têm as suas raízes na politica asiática, diremos mesmo mundial, que o Japão vem preparando metódicamente através dos tempos.

A organização político-social do Japão tem características especificamente próprias diferentes de todos os outros povos.

O espirito que anima o povo japonês tem um fundo de misticismo e de religiosidade que o leva a crer sinceramente na sua missão divina sobre a terra.

A lenda da formação do Japão confunde-se com a sua história, e esta tem conservado, há mais de 2.000 anos, na organização do Estado, os principios fundamentais daquela.

a) Missão divina

Diz a lenda que da sétima geração dos Deuses nasceram Izanagi e Izanami, e que estes, depois de terem criado uma ilha no mar, desceram à terra e se consorciaram.

Desta união nasceu o Japão, e só depois é que estes mesmos deuses criaram os elementos da Natureza — o Sol, a Lua, os Mares, as montanhas, as estrélas, os ventos, etc.

Após violento combate entre «Amaterasu» e «Susanowo», respectivamente deuses do Sol e das Tempestades, o primeiro fica senhor do reino da paz, enquanto o segundo se refugia em regiões longínquas.

«Amaterasu» (Deusa do Sol) envia como senhor da ilha seu neto «Ninigi-Mikoto», acompanhado de cinco famílias.

Mikoto reinará sobre o Japão, por vontade de Amaterasu, a fim de que o Céu e a Terra perdurem eternamente.

Instala-se na ilha de Kinsyu, e daqui dilata os seus domínios por meio de outras uniões.

O primeiro senhor deste império será «Kamu-Yamato-ihare-Hiko», neto de Mikoto.

Em meados do VII século A. C. inicia-se a formação do 1.º Império japonês, tendo como imperador «Gimunu-Tenno», bisneto de «Yamato».

A partir de então se confunde a história com a lenda.

Os imperadores do Japão são de essência divina, representando na terra a encarnação dos Deuses.

Em 1339, «Kibatoko-Tikufusa», na sua ortogenealogia dos Imperadores Divinos, escrevia:

O Grande Japão é um império Divino. Os seus ascendentes divinos lançaram os alicerces, e a Deusa Sol (Amaterasu) transmite eternamente o seu domínio. Isto dá-se apenas no nosso império; nos restantes nada há que se lhe assemelhe. E por isso se chama ao nosso império — o IMPÉRIO DIVINO.

Os japoneses são também descendentes, ou da união das famílias que acompanharam «Mikoto», ou de descendentes deste mesmo.

A raça japonesa constitue, portanto, um povo divino; o imperador e o povo estão ligados por um laço de família.

A sua actividade terrestre obedece assim a uma «missão divina». Desde a mais tenra idade e através dos séculos, que ao japonês é inculcada esta fé: Só a raça de Yamato é «semente do Sol» — os outros povos habitantes da terra são de raça inferior. A missão dos filhos de Yamato é dirigir, para a regeneração, os restantes povos.

Esta fé inabalável na sua essência divina, tem mantido o povo japonês unido e homogéneo.

Nunca no Japão houve desavenças

dinásticas, ou qualquer espécie de luta entre os membros da família imperial, o que não tem acontecido nos outros países.

As lutas interiores do Japão, só têm tido por motivo a escolha da maneira de servir o imperador e de melhor lhe facilitar a execução da sua missão divina.

O «xinitoismo» dá ao japonês a coragem precisa para enfrentar todos os perigos e olhar com alegria o sacrificio supremo da vida, que considera como uma recompensa divina.

Não é só o «xinitoismo» que considera o povo japonês como encarregado de missão divina, e o Japão como a terra eleita.

Há em todo o Japão 500.000 cristãos católicos.

Esta comunidade religiosa é a única existente no território japonês.

O culto católico foi tolerado desde 1882 e dispõe actualmente de 2.104 igrejas.

Até 1937, foi chefe desta igreja Mon-senhor Chamond, missionário e bispo de Tôquio.

O chefe actual é um japonês, Mons. Tatsuo Doi, que há poucos meses foi elevado pelo Vaticano à dignidade de arcebispo.

Data desta época o reconhecimento, pelo Estado nipão, da personalidade jurídica à igreja católica.

Afastar-se-á muito o cristão japonês da ideia que os seus compatriotas têm sobre o privilégio da sua Pátria?

O antigo secretário do sinodo da Igreja Cristã no Japão, o padre Miasaki, disse:

«Creio que o Japão está destinado a ser o reino de Deus. Se Jesus tivesse vivido no Japão, teria ido em peregrinação, não a Jerusalem, mas à grande reliquia de «Ise» que seria a residência de seu celeste Pai. E assim Jesus teria mostrado a sua veneração pelos antepassados imperiais e pela deusa do Sol, Amaterasu.»

Irmanados no mesmo sentimento nacional, e inspirados por idêntico espirito de privilégio racial foram os católicos japoneses reconhecidos oficialmente pelo Estado.

Este exemplo basta, por si só, para evidenciar o cuidado que o Estado nipónico põe na consolidação da sua unidade nacional.

Esta mística, sistematicamente desenvolvida no sentimento do povo, constitue o verdadeiro cimento daquela unidade, e é a força motriz que o impelle para a realização do pensamento pan-nipónico.

b) Vida e história japonesa

Desde os mais remotos tempos que o povo japonês se encontra dividido em quatro classes devidamente compartimentadas.

Abaixo da família imperial, que é a representação divina na terra, encontra-se:

- 1.º O «Shi» — ou samurai, raça dos guerreiros, que formam em conjunto, o Bushido;
- 2.º O «Nô» — que é o camponês, o trabalhador da terra e dos serviços interiores;
- 3.º O «Kô» — que é o trabalhador da arte e dos officios, que representam o artesanato;
- 4.º O «Shô» — ou mercador, que no seu conjunto constituem o comércio.

Destes, o bushi representa um instrumento directo do Imperador, destinado a fazer cumprir as suas decisões.

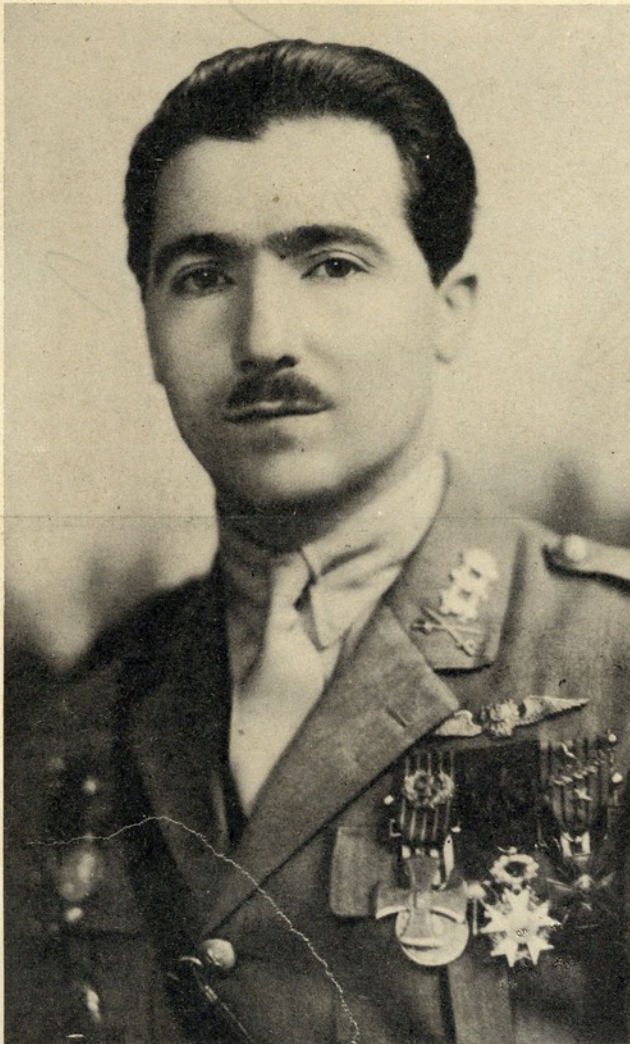
O Samurai, de casta privilegiada, é, desde tenra idade, submetido a uma educação especial.

Aos 5 anos, o Samurai é introduzido por um padrinho, no Bushido, ou caminho do guerreiro.

A sua vida desenvolve-se no exercicio permanente da cultura física, do lançamento do arco, da ginástica, do tiro, da equitação, da natação, do jiu-jitsu, etc.

Vários torneios e desafios de com-

(Continua na pág. 18)



Tenente-coronel Lello Portella

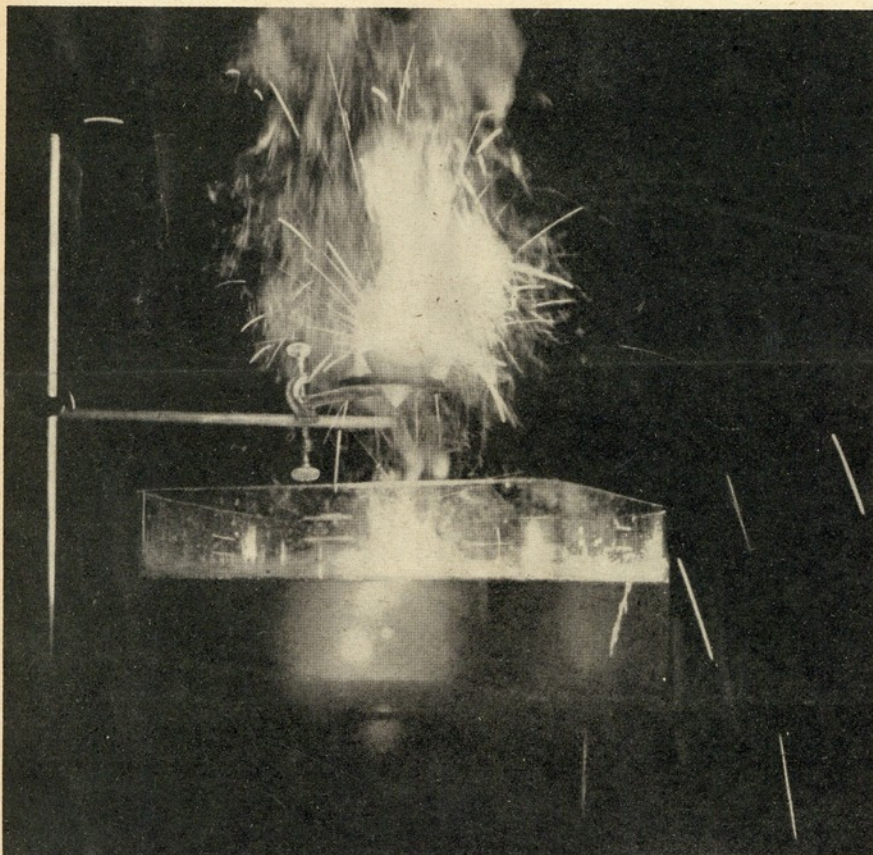


A guerra no deserto

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

IMPRESSONANTE INSTANTANEO DA LUTA NO DESERTO, durante a ofensiva de Auchinleck e Ritchie às portas da Tripolitânia. Uma formação de infantaria é atacada por aviões de bombardeamento. Uma bomba cai a alguns metros de distância e levanta do chão montes de areia. Os soldados deitam-se. Um deles, porém, tenta num último esforço atingir o avião com o fogo da metralhadora

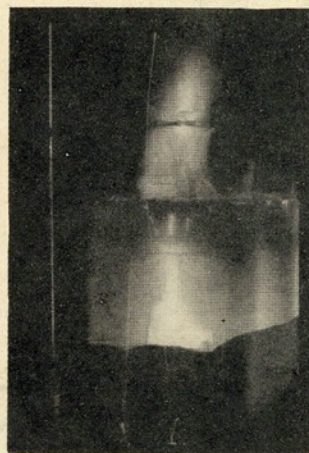
O fogo como arma de guerra O que são as bombas incendiárias



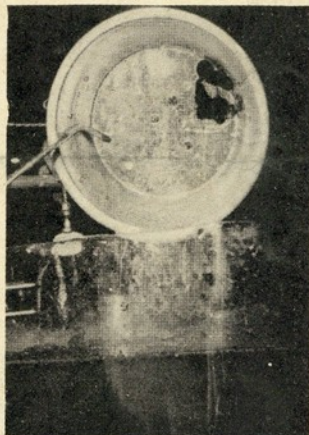
A EXPERIÊNCIA LABORATORIAL DO DR. ZANETTI que demonstra o extraordinário poder da termite. Incendiando uma pequena porção dessa substância colocada num cone de papel, ela arde a uma alta temperatura, cai no recipiente que está em baixo e continua a arder debaixo de água. O óxido metálico da termite possui o oxigênio necessário para a combustão.



A TERMITE é uma mistura de óxidos metálicos — de ferro e de alumínio — reduzidos a pó ou granulados.



O FOGO LIQUIDO da termite caindo dentro de água a uma temperatura de 2.760 graus centígrados.



OUTRA FASE da experiência laboratorial que mostra bem a eficácia da bomba incendiária de termite.



O fogo é arma de guerra desde remota antiguidade — provavelmente desde que o homem primitivo reconheceu ser o tição em brasa projectil mais eficaz do que a simples pedra.

A medida que o intelecto humano se desenvolvia, foram aparecendo os projecteis incendiários. Utilizou-se a resina e o pês; fabricaram-se brandões e flechas ardentes. E como a madeira era então o único material de construção, o fogo como arma de guerra tinha efeitos fulminantes.

Al pelo século sétimo da nossa era, Calinicus de Heliopolis, trãstuga dos árabes, comunicou a Bizâncio um precioso segredo: a fórmula dum fogo infernal que os árabes usavam com assinalado êxito na guerra naval. Era uma simples mistura de salitre, enxofre, resina e outras matérias combustíveis que ao arderem se fundiam, aderindo como fogo liquido aos alvos que se pretendia destruir.

A fórmula não andava longe da da pólvora. Bastaria que os pirotécnicos árabes ou bizantinos tivessem tido a ideia de substituir a resina por carvão vegetal para terem inventado o explosivo. Mas parece que tal não aconteceu, e que a invenção da pólvora nada deveu ao fogo liquido dos árabes.

A introdução da pólvora eclipsou,

durante alguns séculos, o fogo como arma de guerra. Foi só na última, conflagração mundial que se ensaiou um projectil incendiário à altura dos progressos da técnica moderna. Verificou-se então que a bomba de termite era a mais eficaz. Os ingredientes empregados no fabrico desta bomba são dois óxidos metálicos — de ferro e alumínio — reduzidos a pó e misturados dentro duma cápsula de magnésio. Incendiada por um pouco de fulminato, a termite e o seu envólucro ardem com chama intensa capaz de perfurar uma chapa metálica e que não é susceptível de ser apagada pela água nem pelos extintores químicos vulgares. A temperatura da combustão é de 2.760 graus centígrados.

As gravuras que acompanham este artigo mostram uma experiência de laboratório que demonstra o extraordinário poder da termite. Uma pequena porção desta substância é colocada num suporte sobre um recipiente cheio de água. Dentro da água está mergulhada uma delgada chapa de estanho. Quando a termite se incendeia, a massa em combustão cai dentro de água, perfura a chapa de estanho e acaba de arder no fundo do recipiente, dentro da água. A quem se afigure estranho que a combustão se faça debaixo de água deve observar-se que os dois óxidos metálicos contêm o oxigênio necessário para alimentar a chama.

Foi com o emprego de centenas de

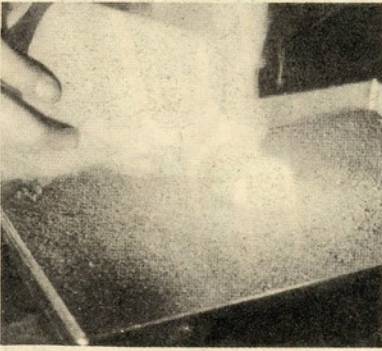
milhar de bombas deste género que a aviação alemã tentou em Setembro de 1940 reduzir Londres a cinzas. Mas o seu propósito malogrou-se devido à corajosa acção dos serviços de defesa passiva da capital inglesa, que puderam, à custa de grandes esforços, impedir que um grande número de focos de incêndio degenerasse numa conflagração geral.

Como dissemos, a cápsula da bomba de termite é de magnésio, que é também substância incendiária. O magnésio arde a 650° C., desenvolvendo um gás que arde, por sua vez, a 1.815°. E não só inútil, mas até perigoso, empregar contra ele a água, porque o magnésio incandescente decompõe-na, apropriando-se do oxigênio e incendiando o hidrogênio. Uma curiosa experiência de laboratório consiste em incendiar a água fazendo passar sobre ela uma corrente de magnésio a alta temperatura.

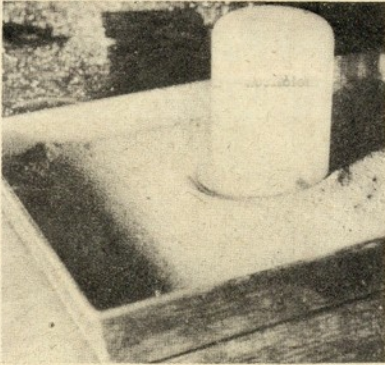
Para combater esta perigosa arma, tornou-se por isso necessário recorrer a outros processos de extinção. Empregam-se grandes abafadores de amianto, e os sábios britânicos inventaram recentemente uma areia química que, lançada sobre a bomba, impede a propagação do fogo.

As bombas incendiárias pesam, em regra, cerca de um quilo. Os alemães designam-nas por bombas «electron», nome derivado da firma que as fabrica. Para se operar um bombardeio

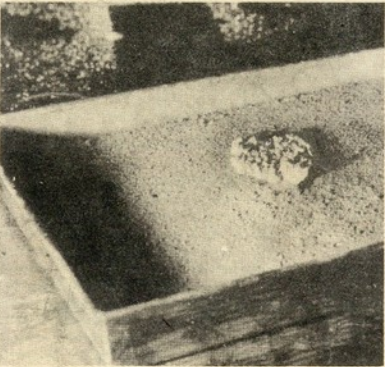
incendiário eficaz são necessárias grandes quantidades desses projecteis. Em geral os aviões largam-nas no espaço em grupos de dez ou vinte, contidas em recipientes especiais que foram empregados pela primeira vez pelos russos contra a Finlândia, e são conhecidos pelo nome de «cestos de pão de Molotov». Numa cidade como Londres, a superfície ocupada pelas construções está para os espaços livres na razão de um para quatro. Dêste



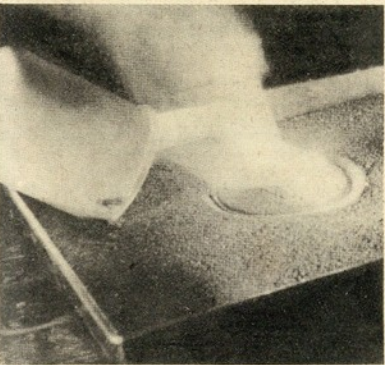
A CHAMA DAS BOMBAS INCENDIÁRIAS é viva e dá uma modificação de temperatura que, nos laboratórios se demonstra ser das mais importantes.



ESTAS FOTOS (de cima para baixo) mostram várias fases das experiências de laboratório que demonstram o poder da termite. Ao arder, com chama intensa, faz tombar o recipiente que a cobre.



A TERMITE é capaz de perfurar uma chapa metálica e a sua chama não é susceptível de ser apagada pela água ou pelos extintores.

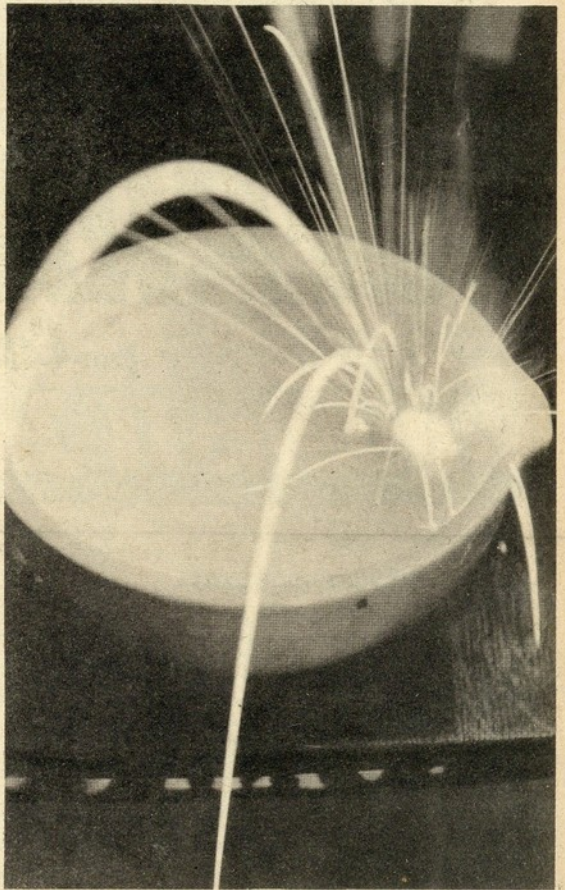


modo, só um quinto das bombas lançadas têm probabilidades de cair sobre edifícios. As restantes espalham-se pelas ruas, praças e jardins, onde se consomem sem prejuízo de maior. Um serviço de defesa bem organizado, como o que existe na capital britânica, reduz ainda mais a eficácia dos terríveis engenhos. Calcula-se que só cerca de cinco por cento das bombas chegam a provocar focos incendiários de certa importância.

A ciência inglesa introduziu nesta forma de guerra uma inovação sensacional: os «cartões de visita» incendiários da R. A. F. São discos de papel absorvente impregnados com uma solução de fósforo e humedecidos em água. Os bombardeiros britânicos têm espalhado quantidades enormes desses «cartões de visita» sobre as secaras e zonas florestais da Alemanha. Enquanto se conservam húmidos, esses discos de papel são inofensivos. Mas logo que a água se evapora, o fósforo inflama-se espontaneamente. A chama é de curta duração, mas é evidente que se deflagrar no meio dum campo de trigo ou entre as folhas secas duma floresta poderá dar origem a um incêndio de vastas proporções. Com o fim de aumentar o poder da chama, estes «cartões de visita» têm, por vezes, um revestimento de celulose, que, como se sabe, é altamente inflamável.

A química conhece ainda outras substâncias incendiárias que não saíram por enquanto do domínio dos laboratórios, mas que virão, segundo todas as probabilidades, a ser utilizadas num futuro próximo, tanto mais que os óxidos de ferro e de alumínio e o magnésio são matérias de grande valor estratégico indispensáveis a outras indústrias de guerra. Uma dessas substâncias é o potássio, que, ao contrário do fósforo, se incendeia ao contacto com a água. Em combinação com outros produtos incendiários, o potássio poderia, portanto, representar sério embaraço para os bombeiros empenhados em combater a propagação dos fogos. Provoca-se também violenta reacção incendiária por meio de ácido sulfúrico e um composto de sódio postos em presença.

Tais são as últimas palavras em matéria de emprego do fogo como arma de guerra. Se observarmos o caminho percorrido desde o tempo em que os guerreiros medievais atiravam contra rudes baluartes de madeira enormes bolas de resina a arder, poderemos certificar-nos de que a ciência progrediu. Mas é legítimo ficar céptico em relação ao progresso moral e espiritual.



O POTÁSSIO, ao contrário do que acontece com o fósforo, arde, com grande intensidade, na água. A sua combinação com outros materiais incendiários pode dar lugar a uma bomba muito perigosa e cujos efeitos são difíceis de extinguir pelos meios vulgares.



O PROFESSOR ZANETTI, um químico de reputação mundial, demonstrou no seu laboratório que se dá uma violenta reacção incendiária quando se ataca um composto de sódio pelo ácido sulfúrico. Demonstra o Dr. Zanetti que esta mistura é extraordinariamente perigosa e que, aplicada como base de bomba incendiária, representa sério embaraço para os bombeiros empregados em combater a propagação dos fogos provocados pelo lançamento destas bombas de avião.

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números): 11\$00; 6 meses (24 números): 22\$00; 12 meses (48 números): 43\$00.

África: 12 meses (48 números): 60\$00.

Estrangeiro c/convenção: 12 meses (48 números): 65\$00; estrangeiro s/convenção: 12 meses (48 números): 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da}—

Tr. da Condessa do Rio, 27—Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º—Tel. 26942.

VISADO PELA COMISSÃO

DE CENSURA

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo IV - Intermédio nórdico

1

UMA CORTINA DE FUMO

PENSOU, efectivamente, o Estado Maior alemão, pensaram os dirigentes políticos do Reich em iniciar, logo que terminou a campanha da Polónia, as hostilidades a occidente? A acumulação de tropas na fronteira germano-holandesa e ao longo da linha fronteiriça que

separava a Alemanha da Bélgica tornam verosímil aquela hipótese. Em Berlim havia elementos seguros de informação sobre as deficiências da preparação militar em França e na Grã-Bretanha, especialmente pelo que à aviação dizia respeito. Dentro da concepção original da guerra rápida, é natural que os alemães procurassem conduzir vigorosamente a sua ofensiva contra a França logo que o adversário polaco foi eliminado do tabuleiro das competições internacionais. É certo que uma campanha de inverno podia traduzir-se por dificuldades inesperadas e que o exército francês, chamado às fileiras apenas mês e meio antes, conservava um moral elevado e uma decisão firme de se bater através de tudo. As precauções tomadas especialmente na Holanda, durante a primeira quinzena de Novembro, constituíam igualmente um obstáculo a considerar no meio dos preparativos gerais.

Se, efectivamente, os alemães chegaram a acalentar a intenção de abater a França em seguida à campanha vitoriosa da Polónia, essa intenção foi abandonada quando em Berlim se consideraram todas as vantagens que havia em explorar o incidente finlandês, cujas linhas gerais se vinham esboçando desde os primeiros dias de Outubro. Esse incidente funcionou, ao longo dos meses de De-

zembro de 1939, Janeiro, Fevereiro e Março de 1940, como uma cortina de fumo que prendeu as atenções gerais, distraindo-as do problema fundamental que se estava resolvendo na Europa.

A cortina de fumo finlandesa permitiu ao Reich cumprir a promessa feita pelo dr. Goebbels de que a guerra apodreceria. Enquanto a opinião pública em Londres e em Paris se comovia e excitava com a sorte da Finlândia, os dirigentes políticos discutiam as modalidades de levar qualquer auxilio a este país, sem chegarem a qualquer solução concreta e os chefes militares franceses e britânicos se deixavam hipnotizar pela concepção de uma luta defensiva a conduzir segundo os métodos adoptados na conflagração de 1914-18, o Reich ultimou, em perfeita tranquillidade, os preparativos gigantescos que lhe permitiram, na primavera seguinte, lançar-se num ataque fulminante sobre os seus adversários.

AS PRIMEIRAS NEGOCIAÇÕES

Em 7 de Outubro, começou a correr em Helsinquia a notícia de que o governo soviético pedira, sem que o pedido envolvesse quaisquer condições, o envio a Moscovo de um delegado para discutir certas questões políticas e comerciais de interesse comum. Ao contrário do que acontecera com os Estados bálticos não fôra recebida a indicação de que esse delegado devia ser o ministro dos estrangeiros finlandês.

De que se tratava efectivamente? As esferas oficiais em Helsinquia guardavam a maior reserva e em Moscovo não era possível conseguir qualquer informação digna de crédito. Na Finlândia, recordava-se que entre os dois países se concluíra, em 1932, um tratado de não agressão que até ali fôra escrupulosamente respeitado e que previa a solução arbitral para as divergências que porventura viessem a suscitar-se entre eles. No dia seguinte, soube-se que o delegado escolhido, de acordo com a solicitação de Moscovo, era um funcionário a quem não eram estranhos nem os assuntos políticos e diplomáticos, nem os assuntos comerciais e financeiros, o sr. Paasikivi.

O sr. Paasikivi fôra um dos delegados que negociara, com os representantes russos, em 1920, a paz de Tatu que pusera termo à guerra entre os dois países. Militando no partido conservador, renunciara há anos à carreira política. Dedicara-se aos problemas económicos e financeiros, sendo escolhido para dirigir um dos principais bancos de Helsinquia. Depois, fôra escolhido para representar a Finlândia em Estocolmo, lugar que continuava a ocupar.

No dia 9, o sr. Paasikivi partiu para Moscovo a fim de tomar conhecimento dos pedidos russos. Em sua companhia seguiam dois peritos, um diplomata e um militar, o sr. Nykop, secretário geral do ministério dos negócios estrangeiros, e o coronel Paasoven, ajudante de campo do presidente da República.

Nas diversas capitais europeias e em Washington foi revelada a notícia de que a Finlândia apelara para o auxilio do Reich a fim de fortalecer a sua posição perante possíveis exigências soviéticas mas que, como resposta, recebera uma recusa formal. Por isso nos jornais de Helsinquia se desencadeou uma violenta campanha anti-alemã.

A ATITUDE DOS PAISES ESCANDINAVOS E DOS ESTADOS UNIDOS

A sua chegada a Moscovo, o delegado finlandês foi recebido por um representante do commissariado



Erko, ministro dos Estrangeiros finlandês em 1939

do povo para os negocios estrangeiros, pelos ministros dos países escandinavos acreditados na capital russa e pelo embaixador dos Estados Unidos que quis ir, pessoalmente, testemunhar-lhe a simpatia do seu país e do seu governo. Entretanto, em Helsinquia começavam a notar-se certos sinais de nervosismo entre a população, iniciando-se a evacuação voluntária de alguns milhares de habitantes e desenhando-se uma corrida às caixas económicas. As universidades fecharam, como consequência da ordem de mobilização, pois a maior parte dos estudantes foi chamada às fileiras. O ministro dos estrangeiros finlandês, sr. Erko, fez um discurso, radiodifundido por todos os postos norte-americanos e cuja transmissão foi impedida na Alemanha, anunciando a intenção da Finlândia de aceitar todas as propostas que não viessem a colidir com a sua noção de independência e de soberania nacional e de recusar, firmemente, qualquer proposta que pudesse levar à alienação duma parcela do seu território.

Em Moscovo, as conversações entre o sr. Paasikivi e o commissário do povo para os negócios estrangeiros, Molotov, iniciaram-se sob bons auspícios. A uma parte delas assistia Estaline que manifestou a sua encordância com a orientação fixada pelos negociadores. As conversações prosseguiram entre 13 e 15 de Outubro, havendo geralmente duas sessões diárias, uma de manhã, outra à noite. O chefe do governo finlandês, Cajander, julgo chegou o momento de proceder a uma recomposição ministerial, sob o signo da união sagrada, perante a iminência de acontecimentos graves. O partido conservador não aceitou o convite que lhe foi dirigido e preferiu continuar na opposição. Para o governo entraram dois novos ministros, em representação da minoria sueca. A imprensa finlandesa continuou, durante esse período, a atacar com violência o Reich, considerando de mau preságio o silêncio sistemático da Wilhelmstrasse. Esse silêncio contrastava com as provas de simpatia recebidas das capitais dos países aliados, França e Grã-Bretanha,



Tanner, antigo ministro das Finanças da Finlândia

dos Estados Unidos, de onde o presidente Roosevelt dirigira a Kalinine uma mensagem, e dos Estados nórdicos que iam reunir-se em conferência.

UM SOCIALISTA NA DELEGAÇÃO FINLANDESA

Em 17, o sr. Paasikivi estava de regresso a Helsinquia e nesse mesmo dia o conselho de ministros reuniu-se para apreciar os pedidos soviéticos. A volta desses pedidos e da reunião fizera-se uma atmosfera de segredo total. A noite foi revelado que o delegado finlandês voltaria a Moscovo rapidamente, portador de contrapropostas. Desta segunda vez não iria, porém, apenas com dois peritos. Em sua companhia seguia também um chefe político, o elemento mais categorizado do partido socialista finlandês, Vaino Tanner, que sobrava a pasta das finanças. Tanner tinha numerosas relações em Moscovo e a sua escolha obedecia a um propósito transparente. Incluindo um socialista na sua delegação, o governo finlandês queria significar que, interiormente, a sua voz trazia a unanimidade da nação e exteriormente que os preconceitos ideológicos e as tendências partidárias não exerciam qualquer influência na sua acção.

Como medida de precaução, foi decretada a mobilização geral que abrangia cerca de trezentos mil homens. Do lado russo não se registaram quaisquer preparativos militares excepcionais, nem no interior do país, nem nas proximidades da fronteira finlandesa.

A conferência dos países nórdicos não conduzia a qualquer resultado positivo, o mesmo podendo dizer-se da diligência feita pelo presidente Roosevelt junto de Kalinine. A Finlândia, embora recebendo testemunhos de simpatia gerais, encontrava-se isolada a negociar com o seu vizinho de leste. Esta realidade não tardou a firmar-se em Helsinquia e a modificar a atitude dos dirigentes finlandeses. Estes procuraram um terreno de entendimento, considerando que o Reich não se encontrava decidido a prestar qualquer auxílio efectivo à Finlândia e que as outras grandes potências se encontravam bastante longe para poderem, sem a colaboração das nações escandinavas que através de tudo queriam salvaguardar a sua neutralidade, oferecer-lhe um apoio eficaz.

Entre 20 e 26, proseguiram em Moscovo as conversações entre os delegados russos e finlandeses. Ao regressar à sua pátria, o socialista Tanner mostrou-se optimista, enquanto o ministro dos estrangeiros Erko proferia um discurso pessimista deixando transparecer o propósito de resistir no caso de os pedidos de Moscovo irem além daquilo que a Finlândia estava disposta a conceder.

OS PEDIDOS DA U. R. S. S.

Em que consistiam, efectivamente, esses pedidos? Apesar da rigorosa discrição mantida à volta do caso, alguma coisa começou a revelar-se em Helsinquia. Dizia-se que Moscovo pedia a assinatura dum pacto de assistência mútua entre os dois países, nos termos do qual o governo soviético consideraria a oportunidade e a necessidade de conceder à Finlândia o seu auxílio militar. De 26 a 31 de Outubro, os delegados finlandeses conservaram-se em Helsinquia, conferenciando com o seu governo. Neste último dia tomaram, de novo, o combóio para Moscovo. Em 1 de Novembro, quando seguiam em viagem, Molotov pronunciou um discurso radiodifundido divulgando o teor das reivindicações soviéticas, que consistiam no seguinte: cessão de algumas ilhas do golfo da Finlândia, autorização para instalar em Hangoe, a título de arrendamento, uma base aérea e naval russa, recuo de 25 km. na fronteira sovieto-finlandesa no istmo da Carélia. Em

compensação os russos cediam à Finlândia uma região com o dôbro da superfície que pediam na Carelia Oriental e consentiam que as ilhas Aaland fôsem remilitarizadas pelo governo finlandês. Assim, em Moscovo, punham o problema das relações com a Finlândia sobre a base de cessões territoriais em regime de compensação, não insistindo pela conclusão de qualquer pacto de assistência mútua. As pretensões russas eram justificadas com a necessidade de assegurar a defesa da cidade e da região de Leninegrado, incluindo o pórtio militar de Cronstadt, de uma agressão eventual. Essa agressão, era bem evidente, só podia eventualmente partir do lado alemão.

Antecipando-se ao regresso dos delegados finlandeses e divulgando, com um tom de moderação característica, a natureza e a extensão dos seus pedidos, o governo soviético mostrava o desejo de influenciar a opinião pública, ou pelo menos uma parte da opinião pública, nos países estrangeiros, especialmente na França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, onde a tendência para considerar a Finlândia vítima duma violência injustificada, criara um estado de espirito agressivo contra a U. R. S. S. Esses países eram adversários do Reich. O comissariado do povo para os negócios estrangeiros significava publicamente que era também contra o Reich que a sua política se orientava, embora a Finlândia tivesse que suportar as primeiras consequências dessa orientação.

A MOBILIZAÇÃO NA FINLÂNDIA

Em Helsinquia, considerando que o discurso de Molotov significava a divulgação dum segredo diplomático, chegaram a pensar em fazer regressar os seus delegados que iam, novamente, a caminho de Moscovo. O governo finlandês desistiu do seu intento, cuja realização não deixaria de precipitar os acontecimentos pois colocaria a U. R. S. S. na necessidade de iniciar, desde logo, uma acção violenta. Além disso os meios diplomáticos eram unânimes em caracterizar como moderado o tom empregado pelo comissariado dos negócios estrangeiros soviético.

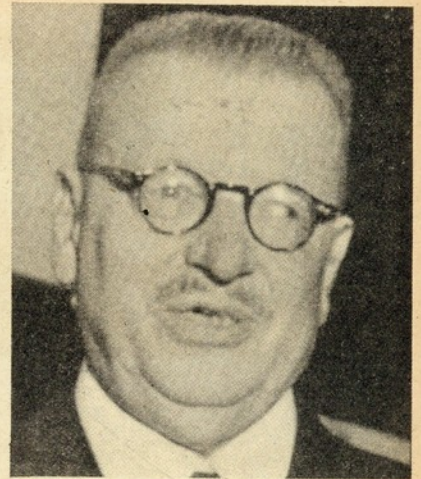
O regime de compensações territoriais era geralmente encarado como uma fórmula hábil de mascarar uma cedença que interessava fundamentalmente à política de defesa nacional russa. A esse respeito era opinião geral que não seria impossível, e que seria mesmo relativamente fácil, estabelecer um acordo. A dificuldade principal para chegar a esse acordo estava no pedido da base naval de Hangoe, mesmo a título provisório e sob a fórmula de arrendamento, pois a posse daquela importante base naval daria à armada soviética não apenas o domínio do golfo da Finlândia mas colocaria sob o seu «controle» toda a parte oriental do Báltico.

A imprensa finlandesa traduzia este ponto de vista predominante nos meios oficiais e entre a população. De 2 a 4 de Novembro, recomeçaram as conversações em Moscovo. Mas os jornais soviéticos iniciaram, simultaneamente, uma campanha viva contra dois homens de Estado finlandeses, o chefe do governo, Cajander, e o ministro dos negócios estrangeiros, Erko, acusando-os de sabotarem as boas relações entre os dois países e de entravarem a actividade dos seus delegados.

Ao mesmo tempo que a troca de propostas e de contrapropostas entre Helsinquia e Moscovo prosseguia com sorte vária, a mobilização finlandesa podia considerar-se praticamente terminada. O exército da Finlândia, embora pouco numeroso, era aguerrido e encontrava-se bem equipado. Os seus chefes, e entre todos o marechal Mannerheim e o general Vallenius, tinham dado as suas provas em mais duma ocasião, exerciam uma influência crescente sobre as decisões governamentais. E ambos estavam convencidos de que as tropas soviéticas, apesar do seu número e do material de que dispunham, não se encontravam em condições de fazer uma campanha de inverno e que, se a fizessem, corriam, inevitavelmente, para um desastre.

UMA SEMANA DE CALMA ENGANADORA

As notícias que começam a chegar de Moscovo são pouco tranquilizadoras. A delegação finlandesa recusa as propostas soviéticas relativas ao aluguer de Hangoe e ao recuo da fronteira na península da Carélia. Quando, na noite de 13 de Novembro, os delegados soviéticos Paasikivi e Tanner deixam, mais uma vez, a capital soviética anuncia-se, com carácter officioso, que as negociações, embora não tenham concluído por um malôgro total, devem considerar-se interrompidas por um período indeterminado. Esta versão é inteiramente confirmada dois dias depois pelas declarações feitas, no momento de regressar a Helsinquia, pelo socialista Tanner: «Nosso negociações, declarou ele, decorreram num ambiente de cordialidade sem que tivesse havido qualquer pressão ou ultimato. Os pontos de vista dos dois países ficaram consignados em documento escrito. Dissemos, no final, ao sr. Molotov que poderíamos voltar a conversar quando êle julgasse que haveria nisso qualquer vantagem, a fim de se encontrar uma solução que satisfizesse as



Paasikivi, o negociador do governo finlandês com a Rússia.

duas partes. As nossas despedidas foram cordiais. Com um sorriso benévolo, Estaline fez votos pelas prosperidades da Finlândia e Molotov, no mesmo espirito, despediu-se de nós.»

Não havia já que alimentar dúvidas. As pontes estavam cortadas. Isso não impediu que o outro delegado finlandês, o sr. Paasikivi, desse aos jornais uma outra entrevista conciliadora e tranquilizadora. A imprensa soviética, como que obedecendo a uma palavra de ordem, cessou bruscamente os seus ataques. O mesmo fizeram os jornais finlandeses que, até aquela altura, se haviam ocupado do assunto com uma vivacidade sintomática. Assim se passou a semana seguinte numa ambiente de expectativa recíproca e de calma enganadora. Na Finlândia alguns alunos das escolas superiores regressaram às aulas; na «Isvestia» publicou-se um artigo do almirante chefe da esquadra russa do Báltico procurando demonstrar que a posse de Hangoe era absolutamente indispensável à segurança da nação russa e da sua fronteira marítima. O chefe do governo finlandês, Cajander, pronunciou um discurso pela rádio aconselhando calma aos seus compatriotas e assegurando que, tanto êle como o governo a que presidia, estavam animados pela intenção firme de manter com o governo soviético as relações mais cordiais e confiantes.

O DESFECHO DA CRISE

Em 26, desencadeou-se o temporal. Era um domingo. O comissário do povo, Molotov, enviava uma nota diplomática ao governo de Helsinquia na qual se afirmava que, na véspera, a artilharia finlandesa abriu fogo contra um destacamento russo, matando quatro soldados e ferindo gravemente nove. A nota soviética protestava contra o que considerava uma provocação, acrescentando que não era propósito do governo de Moscovo agravar a situação criada. Para evitar a repetição de incidentes semelhantes, propunha que as tropas finlandesas recuassem vinte e cinco quilómetros para além da linha fronteiriça do istmo da Carélia.

Esta nota, entregue pelo embaixador soviético Derevjanski, foi vivamente contestada pelo governo finlandês. Mas tanto em Helsinquia como nas capitais europeias onde a crise nórdica era seguida com vivo interesse e em Washington firmou-se a convicção de que o problema das relações russo-finlandesas entrava numa fase crítica e que a evolução anunciada com a nota de protesto soviética seguiria inexoravelmente o seu curso até concluir por uma rotura ostensiva entre os dois países.

Em 28, os soviets denunciaram o pacto de não agressão de 1932. Ao mesmo tempo reiteraram o pedido formulado dois dias antes para que as tropas finlandesas se retrajassem para 25 quilómetros da linha de demarcação fronteiriça. A nota russa, embora redigida num tom enérgico, não fechava a porta a negociações ulteriores.

No dia seguinte foi transmitida telefonicamente à legação finlandesa em Moscovo a resposta do governo de Helsinquia. Quando o representante da Finlândia se preparava para se desempenhar desta missão recebeu uma comunicação oficial do governo soviético anunciando-lhe que a rotura das relações diplomáticas entre o seu país e a U. R. S. S. era um facto. Não se tratava ainda de guerra. Mas esta não podia certamente tardar.

Molotov, para tornar pública esta notícia, proferiu um novo discurso que foi radiodifundido e cujo tom geral era de moderação e de calma. Os comentários finlandeses a este discurso não chegaram a ser publicados. Na quinta-feira, 30 de Novembro, as tropas russas entravam em território finlandês e os aviões soviéticos voavam sobre as principais cidades da Finlândia, anunciando a eclosão de uma nova guerra na Europa.

(Continua)



Marechal Mannerheim



A SR.ª D. ALDA DENIZ — a primeira senhora nomeada para exercer um alto cargo directivo num organismo corporativo — tomou há dias posse do lugar de directora do Grémio dos Comerciantes de Artigos de Vestuário de Senhora.



A LIGA PRÓ-MORAL efectuou na sede de «A Voz do Operário» uma festa infantil para distribuição de agasalhos a várias crianças suas protegidas.

É POSTO À VENDA BREVEMENTE O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO, «DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA». É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL»



APYROL

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drograrias

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
Ondas	m. 221.1	(kcs 1357)	20,10
médias	m. 263.2	(kcs 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20.20 horas, e às quartas-feiras, às 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

COMPANHIA DE SEGUROS

LA "PRESERVATRICE"

SEGUROS DE:

ACIDENTES DE TRABALHO, AUTOMÓVEIS, RESPONSABILIDADE CIVIL, DESASTRES PESSOAIS, INCÊNDIO, ROUBO, MARÍTIMO E GUERRA

Delegação Geral em Portugal

Rua Nova da Trindade n.º 2 — LISBOA

TELEFONES P. A. B. X. 2 9193 e 2 9194

PORTO — Rua dos Clérigos, 82-2..

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

UM livro recente intitulado O segredo de D. Pedro V, da autoria de Júlio Sousa Costa (que não tenho o prazer de conhecer pessoalmente) veio mais uma vez chamar a minha atenção para a figura daquele rei tão inteligente e tão desventurado. Frágil, melancólico, vagamente loiro, parecido, de relance, com o D. Sebastião de Santos Coelho, D. Pedro V, ao subir ao trono, considerou-se, desde logo, predestinado a um fim rápido e triste. A mesma sombra dolorosa que envolveu D. Duarte dir-se-ia tê-lo igualmente envolvido a ele: a mesma hesitação, a mesma dúvida, o mesmo escrúpulo, o mesmo pavor instintivo, o mesmo remorso cruciante que o fazia atribuir a si próprio tôdas as desgraças e todos os infortúnios que porventura pesavam sobre Portugal. Tinha delírios e alucinações frequentes. Acometiam-no crises duma tristeza profunda. O Paço dava-lhe a lúgubre impressão dum túmulo onde vivem sem espectros. E, entretanto, poucos monarcas terão servido o seu país com tanto zelo, tanta dedicação, tanto patriotismo e tanta probidade. A D. Pedro V se deve esta ideia sublime, expressão das suas virtudes: à porta do palácio real mandou colocar uma caixa pintada de verde cuja chave trazia sempre no bolso, caixa que se destinava a receber as queixas do povo contra os homens do govêrno.

Creio que nunca houve, politicamente, humorismo mais heróico.

O GRUPO DO LEÃO

O célebre Grupo do Leão teve fama. Mas, como tudo na vida, esse grupo passou. Eis senão quando ai o vemos ressurgido, sob outro aspecto, reunido, não num restaurante, mas num teatro e crismado com outro nome: o Grupo do Leão da Estrela. Formam-no, além de outros, Maria Matos, Maria Helena, Amélia Pereira, Georgina Cordeiro, Eunice Colbert, Assis Pacheco, Erico Braga, Alfredo Ruas, Mendonça de Carvalho, Carlos Baptista e José Morais. Com este grupo já se formava um team de futebol, uma sessão solene — e uma Escola de Arte de Representar...

AGOIROS

NO Tribunal da Boa-Hora passou-se um dia êste episódio. O escrivão tomava declarações a um prêso: — Qual é a sua profissão? O prêso: — Gato pingado, para o servir...

SIDÓNIA

CONHECEMOS uma rapariga chamada Maria Sidónia, exímia em ritmos brasileiros. Uma vez perguntámos-lhe o que era preciso para cantar bem o samba. Respondeu-nos: — Ser Sidónia!

TEATROS

UM teatro que havia no Pôrto, chamado Teatro Chalet representou-se, há anos, uma mágia O Anel misterioso. Em dava altura um dos personagens da peça exclamava: — Diminuí o vento, a chuva cessou... Logo um espectador levantando-se do seu lugar, pondo o chapéu na cabeça e saindo.

— Toca a aproveitar esta aberta...

O GRANDE CURTO!



A «Vida Mundial» vai atrair à publicidade um novo livro de Ramada Curto. Intitula-se êsse volume, a que está reservado, sem dúvida, um justificado êxito literário, «Do Diário de José Maria». Prosa brilhante, nítida observação, amena filosofia, espirito infatigável, eis as características do novo livro de Ramada ou, por outra, de José Maria — porque, ao contrário talvez do que muita gente supõe, êste José Maria existe, mora em Lisboa (e até no mesmo prédio de Ramada Curto) e é, há cinquenta e quatro anos, um dos seus amigos mais íntimos e mais dilectos, Ramada limitou-se a coligir e a rever, com uma ternura verdadeiramente fraternal, aquelas prosas que José Maria quis confiar-lhe — com quem lhe entrega a sua própria alma. Por uma natural gentileza de José Maria podemos transcrever hoje do seu «Diário» íntimo (e que um dia certamente virá também à publicidade) esta página acerca de Ramada. Ai vai, pois, com a devida vénia.

«Êste meu amigo Ramada Curto ou, com mais amplitude, Amílcar da Silva Ramada Curto, nasceu em Lisboa, na rua da Cruz dos Poiais, numa manhã raiosa e fresca. Conheci-o de haldas e não me recordo de ter visto, alguma vez, criança mais rochunchuda, mais esperta e mais ladina. Ainda não tinha seis horas e já fizera a primeira «blague» — nas calças do pai. Aos dois anos escrevia a primeira peça; chamava-se «O sol nascente»; e constituiu um autêntico êxito teatral. Foi, durante largo tempo, o caso do dia. Pouco depois formava-se em direito, entrava na política e adquiria uma sólida fama de orador. Por outro lado, os seus ditos de espirito, as suas «mots dorées», as suas anedotas, corriam mundo, eram citadas nas Câmaras e nos salões, nos «cafés» e nas tabacarias; e em volta da festejada e prometedora criança não tardou a fazer-se uma atmosfera de admiração e de aplauso. Certa tarde entregaram-lhe um diploma — e elegeram-no sócio da Academia. Na manhã seguinte comprou um bilhete de terceira e fugiu para o Cartaxo. Homem do Cartaxo e homem da Academia, uma farda de ouro e umas cuecas de popeline, uma graça permanente e uma cultura sagaz, memória prodigiosa e espirito constante, agora boémio, logo filósofo, adorando uma perna de leitão assada que adora uma perna de mulher «au gratin», eis em síntese, o meu querido Ramada a que, sem favor, a Posteridade deverá chamar um dia — o Grande Curto».

CONTRATOS

O único contrato que juridicamente se pode realizar sem as partes estarem no uso pleno das suas faculdades mentais — é o contrato de casamento.

FUMADORES

NO Variedades, Um espectador dirige-se a um empregado: — Pode-se fumar na plateia? — Não pode. É proibido. — Mas eu vejo aqui no chão várias pontas de cigarros! — Imediatamente o empregado: — São dos espectadores que fumam sem perguntar.

GLÓRIA

ARMANDO Ferreira publicou agora uma risonha novela de costumes populares lisboetas a que deu o titulo de Glória. Mas esta Glória é, nada mais, nada menos, do que uma cozinheira. Poucas vezes se terá encontrado uma imagem mais perfeita da Imortalidade, autêntica cozinheira de figuras célebres, dessas figuras célebres que, tantas delas, só vivem pelo tempo que lhes deita a Glória...

Armando Ferreira, ao fazer o seu humorismo, deu-nos uma lição de filosofia.

USURA

OS jornais noticiam que foi feita uma sindicância a certo magistrado acusado de usura. O que se teria apurado? Não sabemos. O usura é uma fraqueza que possui uma força extraordinária.

CONDENADO A MORTE

NAO há muito foi condenado à morte, em França, um homem acusado de homicídio. — Amanhã, às cinco da manhã será guilhotinado — comunicou-lhe o guarda. — Perfeitamente. Desejava era um despertador porque eu, em regra, acordo tarde...

O FRIO

HA quem se queixe do frio excessivo dêste inverno, e talvez com razão. Entretanto, lá afirma o ditado: «Dá Deus frio conforme a roupa». Quere dizer: um sujeito nu em pêlo — não sente frio algum. Não será esta a interpretação?

POUPAR E PRODUZIR

POUPAR e produzir — eis o lema da hora presente. Na verdade se no poupar é que está o ganho, no produzir é que está a distracção — como dizem os velhos filósofos.

OS COELHOS

A propósito da recente campanha para a criação de coelhos, diziamos algum: — Os coelhos são nocivos para a saúde! — Ah! Sim? — São. Foi até um Coelho que matou a Inez de Castro...

Luís Olveira Guimarães

Panorama Internacional

TEMPO AO TEMPO

por Francisca Veloso

CONTINUAMOS e m plena sação de ventos incertos. Os ares andam a ressoar perguntas instantes. Ora sobre o que Hitler prepara, ora sobre o que os aliados tenham decidido. Apenas se distinguem sinais de reajustamento de peças nas duas grandes máquinas de guerra. A próxima Conferência pan-americana do Rio de Janeiro, coloca o Brasil em primacial lugar e muito adiante da Argentina o Brasil, por lúcida visão de Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, fugindo da rasteira das neutralidades que comprometem para o campo das solidariedades que valorizam. Esse próprio conclave não é mais que um reajustamento. Se os Estados Unidos ganharem a partida, quanto extraordinária a posição do Rio de Janeiro! O rasgo do Itamaraty é daqueles que, com bom êxito, marcam época dentro de um sistema continental em relação ao que vem de passar-se em Washington.

BASES E CONCLUSÕES



ROOSEVELT

Terminadas as conferências internacionais de Washington, o presidente Roosevelt, aproveitou o cumprimento do seu dever constitucional para, em mensagem, formular declarações que podem considerar-se, tanto pelo que respeita às 26 nações aliadas signatárias do Pacto, como às responsabilidades dos Estados Unidos, o documento oficial do actual momento sobre o caminho que futuramente seguirá essa formidável coligação.

É natural que Roosevelt se congratulasse pela rapidez com que se argamassou a unidade da grande nação que chefia, ante o ataque assaltante do Japão, e celebrasse o facto, na verdade histórico, da assembleia de nações que na capital norte-americana soldou — depois de dois anos de guerra, suportada em cheio e dissociadamente pela Inglaterra e seu império contra a Alemanha — uma solidariedade de Estados e povos que até hoje, em iguais circunstâncias, a história não regista.

Mas afora essas expressões congratulatórias, cujo fundamento os sucessos hão-de pôr à prova, a parte essencial da mensagem é indubitavelmente a que se refere às conclusões dos trabalhos efectivados. As conferências de Washington tiveram prolongamentos em Xung-King e em Moscovo, desdobrando-se durante duas semanas nestas três capitais quasi simultaneamente e vindo depois a concretizar-se no Pacto.

Jociradas pelo crivo das considerações do presidente, aparecem estas conclusões: — Planos estabe-

lecidos para uma acção de cooperação coordenada das 26 nações signatárias sob o ponto de vista militar e económico! — Determinação de todas elas para a guerra ser conduzida em todas as suas fases, enquadrando-se cada plano de operações na estratégia geral destinada ao aniquilamento do inimigo, e de forma que não se travejam guerras isoladas, ficando cada nação entregue a si própria; — As forças solidárias das nações aliadas agirão em comum nos pontos ou ponto em que maior dano causem ao inimigo. Como objectivos de ordem superior, os seguintes: Libertação das nações subjugadas, restabelecimento sólido da liberdade de palavra, da liberdade de religião, do desaparecimento da escassez em todo o Mundo. Mas tudo isto depende duma condição: — a de que os Estados Unidos produzam.

«Os modernos métodos de guerra — sublinhou o Presidente — obrigam a que a tarefa não seja só a de disparar e de combater, mas também, e ainda com mais urgência, a de trabalhar e produzir. A vitória exige a existência de armas de guerra e também o seu transporte para uma dúzia de teatros de operações. Não seria suficiente para nós e para as outras nações unidas produzir material em quantidade ligeiramente superior à da Alemanha, Japão, Itália e das indústrias de que se apoderaram, nos países subjugados. A superioridade dos Estados Unidos em material de guerra e navios tem de ser esmagadora, tão esmagadora que as nações do «eixo» nunca possam esperar rivalizar com ela. Para atingir esta superioridade esmagadora, os Estados Unidos têm de construir aviões, «tanks», artilharia e navios, no máximo da sua capacidade, produzir armas não só para as nossas próprias forças como também para os Exércitos, Marinhas e Aviações, que combatem a nosso lado.»

Estas palavras de Roosevelt, por extensa que pareça a transcrição, resumem no mesmo passo um programa fundamental, um compromisso fechado, e a gravidade da conjuntura em que as nações aliadas se encontram.

A ILUSÃO DAS DATAS



HITLER

E rolam os números: — 60 mil aviões em 1942, 125 mil em 1943; de «tanks», passar-se-á de 45 para 75 mil; de canhões anti-aéreos, 20 mil e 35 mil; 1.100.000 toneladas de munição mercante em 1942, 10 milhões em 1943. Mobilização de guerra de todas as fábricas e ferramentas disponíveis para a guerra. A produção de guerra baseia-se em metais e matérias primas: aço, cobre, borracha, alumínio, zinco, estanho. Quantidades cada vez maiores dessas matérias têm de ser distraídas para fins de

guerra. Tem de ser restringida ainda mais a sua utilização para fins civis e, em muitos casos, completamente eliminada.

A parte financeira desta obra ingente, foi assim resumida pelo presidente: «O nosso programa de guerra, no próximo ano económico, importará em 56 milhões de dólares, ou, por outras palavras, mais de metade do rendimento nacional anual. Isto significa que temos de prescindir de artigos de luxo e outros que não sejam de primeira necessidade. Numa palavra, significa um esforço total para a guerra resultante dos esforços individuais e dos esforços familiares num país unificado. Só esta escala total de produção poderá apressar a vitória completa e final. A rapidez conta. O terreno perdido pode sempre ser conquistado, mas nunca o tempo perdido.»

Tudo isto é perfurado, nos espaços astronómicos dos cálculos mais inverosímeis, pela broca duma pergunta fundamental: — como responderá a unidade nacional americana a este programa de Roosevelt, a este compromisso terminante sobre que assenta o próprio Pacto de Washington, dele para com as restantes nações aliadas? Na véspera da mensagem, todos os americanos de 18 a 44 anos eram convocados a registarem-se obrigatoriamente para o serviço militar, numa mobilização que excede em muito todas as previsões.

Mas admitindo que o americano do norte, em péso, acuda aos chamamentos quanto tempo será necessário para meter em andamento ofensivo essa enorme e variada máquina de guerra que tem as suas peças centrais subdivididas por continentes entremeados por vastos oceanos?

Há neste particular uma fase do problema que no comum tem passado despercebida às atenções gerais.

No comum, todos fixam as declarações dos mais altos chefes aliados quando, como Churchill tem feito, acentuam que a Grã-Bretanha atingiu no ar a paridade com a arma correspondente da Alemanha. Ora, parece-nos antes, de encerrar a questão mais largamente. Neste momento em que Roosevelt apela quasi ardentemente para as produções gigantescas, deve inquirir-se se o desgaste da guerra criou uma erosão igual ou a par entre os aliados (para o caso ingleses e russos) e os alemães.

Os sintomas acusam que essa erosão é pelo menos semelhante. E assim como o grande factor dela tem sido para a Inglaterra a impropriedade referece dos Estados Unidos, para a Alemanha foi a guerra à Rússia.

Assim se explica por exemplo que no seu discurso de 3 de Outubro de 1941, Hitler houvesse dito que, em consequência do seu ataque à Rússia, entre Agosto e Setembro «uma explicação a oeste com a Inglaterra, explicação que envolveria toda a aviação alemã se tornara impossível». E assim se explica também que ao mesmo

tempo das conferências em Washington, o ministro dos negócios estrangeiros inglês, Anthony Eden tivesse ido conversar com Estaline, aquele mesmo homem que revelara a Hopkins o seu ódio enclavinado a Hitler, exactamente para obter resposta ao *Veremos* de Litvinoff.

DIANTE DO FUTURO



EDEN

Eden chamou a essa conferência o impulso inicial para o *avanço conjunto* dos aliados. As impressões trocadas dividem-se, naturalmente, em duas partes — disse ele. «Na primeira, tratámos da condução da guerra. Não esperais que vos diga grandes coisas acerca dela. Os acontecimentos falarão por si, conforme espero. Mas posso dar-vos esta garantia: quando os nossos comunicados falam da nossa identidade de opiniões sobre todos os assuntos relativos à condução da guerra, essas palavras não são simples linguagem diplomática. Dizem-nos a verdade literal e absoluta.»

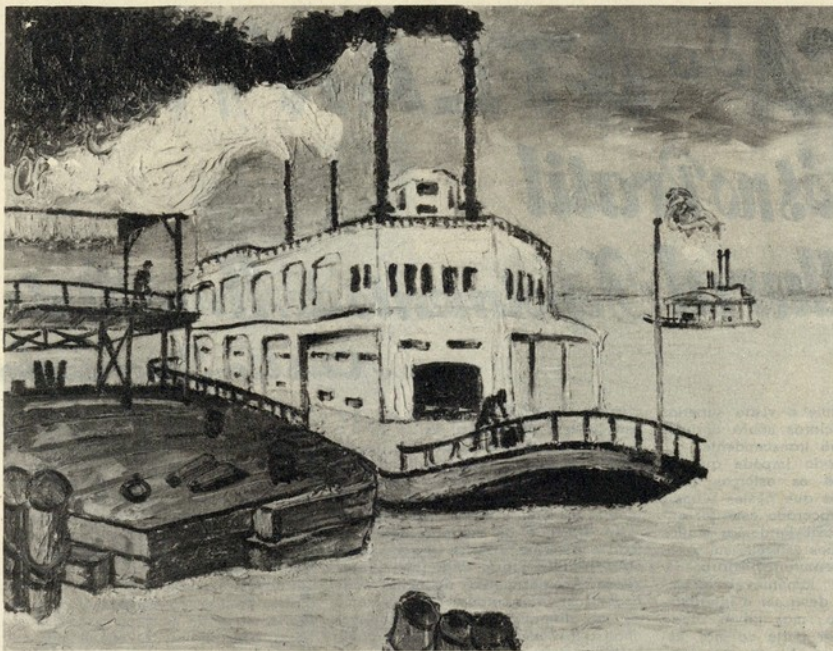
Mas foi-se mais longe: — até aos pontos básicos da organização da paz e das condições necessárias para ela ser garantida, pontos em que igualmente se operou não só uma concordância de opiniões mas o compromisso de que, mesmo neste capítulo, os aliados não trabalharão isolados.

Em que linhas se operou o contacto das identidades de opinião? Fique a pergunta em suspenso quanto à sua matéria objectiva, mas se notarmos que Pio XII ainda há pouco por ocasião das festas do Ano Novo, enunciou princípios que não andam fora dos de Washington, poderemos visionar que já é muito mais extensa do que há um ano e do que a demarcada nas conferências do *Potomac*, a zona em que se vão concentrando as altas finalidades da reconstrução do mundo depois da guerra, reconstrução que se fará, mais que no plano político, no social e económico, e na qual a intervenção russa, agora decisiva e voluntariamente eqüadrada no bloco aliado, com quasi completo recuo das ambições revolucionárias do bolchevismo de 1917, marcará indirectamente o *tonus* que Eden foi escutar a Moscovo.

Diante dum facto desta grandeza (porque também no mundo dos ideais humanos nada se perde) o escoar do tempo vale menos do que se supõe.

Que a guerra dure mais dois anos, o que importa para aquela transformação? Não é só Churchill a falar em 1943, porque o Dr. Ley no *Der Angriff* também a tal ano se referiu a 3 de Outubro como período necessário para a mobilização total da economia e do espaço total alemão, «criado pelo génio de Adolfo Hitler».

(Continua na pág. 14)



O NOTÁVEL PINTOR CARLOS BOTELHO — «Prémio Sousa Cardoso», de 1938; 1.º Prémio da Exposição Internacional de S. Francisco de 1939; e «Prémio Columbano», de 1940 — inaugurou recentemente no estúdio do Secretariado da Propaganda Nacional uma interessante exposição onde, a par de retratos e composições, nos deu admiráveis paisagens de Nova Iorque, Nova Orleans, Lisboa, Pôrto e Monsanto. O certame obteve o maior êxito. Damos hoje nesta página três quadros de Carlos Botelho, nos quais, através da sua arte muito pessoal, de cunho moderno, o pintor nos revela certos aspectos curiosos da vida norte-americana. De cima para baixo: Os barcos que fazem a travessia do rio nas docas do Mississippi — O apeadeiro do «elevador» (combóio aéreo que tende a acabar, substituído pelo «subway»). — Um «dancing» popular em Nova Orleans, cidade onde tanto se faz sentir a influência francesa.



**A AMÉRICA
DO NORTE**
*Vista por um
pintor português:*
**CARLOS
BOTELHO**

POLITICA do ATLANTICO

O livro português no Brasil e o acordo Cultural * Depoimento de Alvaro Pinto

por **Castro Soromenho**

DOETAS, romancistas e críticos, trouxeram ao inquérito que estamos a realizar sobre «Política do Atlântico», suas opiniões e sugestões, que, até certo ponto, e dentro da feição literária e crítica de cada um desses escritores, traduzem a maneira

geral como é visto o panorama da política cultural luso-brasileira.

Embora divergentes nos processos de condução da «Política do Atlântico», os nossos entrevistados comungam na mesma aspiração: — o estreitamento das relações culturais dos dois países irmãos.

A política do espírito é, hoje, a única sonda que podemos descer na alma brasileira. E o livro é o instrumento dessa política, que esse extraordinário escritor que é Gilberto Freyre definiu nas suas notabilíssimas «Conferências da Europa».

A língua, criando uma unidade luso-afrasiático-brasileira, deu-nos um caminho e uma pátria espiritual em quatro continentes.

A «Política do Atlântico» exige a contribuição de todos os escritores e artistas do «mundo que o português criou».

É uma obra comum, de gente que fala a mesma língua, embora cada país tenha os seus problemas e cada escritor o seu caminho.

É o livro que vai fazer a grande jornada do Atlântico.

Faltava-nos, para encerrarmos o nosso inquérito, ouvir um editor, que conhecesse o Brasil e Portugal.

O sr. Alvaro Pinto é a pessoa naturalmente indicada para nos falar do problema do livro português no Brasil, onde exerceu acção editorial notável: — mais de 300 edições, publicando primeiros trabalhos de autores hoje ilustres.

Como editor, que foi durante sete anos, da revista da Academia Brasileira; e com Tasso da Silveira, da «Terra de Sol», o sr. Alvaro Pinto marcou uma posição de destaque no meio editorial brasileiro. Mas a sua acção não se limitou ao campo editorial. Fundador da revista «A Águia», reuniu, num movimento em prol da cultura luso-brasileira, que foi um dos grandes instrumentos da «Política do Atlântico», os melhores nomes da nossa literatura da época. E, agora, à frente de «Occidente», a sua acção continua a orientar-se no sentido do estreitamento das relações culturais luso-brasileiras.

O depoimento escrito pelo sr. Alvaro Pinto dá-nos:

A POSIÇÃO DA «POLÍTICA DO ATLÂNTICO».

Até há pouco, a política do Atlântico era apenas motivo mais ou menos lírico para os devaneios dos poetas e as fantasias dos sonhadores de quimeras. Hoje, perante as novas concepções de soberania, que s' balancam entre os legítimos direitos históricos de uns e os couraçados, os submarinos e os aviões de outros — a literatura e a oratória perdem todo o sentido e só quem nos está governan-

do com pulso firme e visão superior pode ter ideias claras sobre assunto tão delicado como transcendente.

Isso, porém, nada impede que se empreguem todos os esforços para fortalecer os laços que nestes últimos tempos se têm procurado estreitar entre Portugal e Brasil. Perdemos muitos anos em divagações estereis, em aproximações de aventureiros, grupos e grupelhos, numa lamentável incompreensão do que deva ser o intercâmbio luso-brasileiro; mas talvez ainda possamos remediar parte do mal, seguindo daqui por diante processos diferentes e de mais objectiva realidade.

O acordo firmado em Setembro passado contém as bases de tudo quanto se reconheceu já como indispensável. Só é preciso executá-lo com energia e inteligência, não vá acontecer com êle o mesmo que aconteceu com a Convenção literária de 1922 e o Acôrdo ortográfico de 1931, que tão mal se cumprem...

Entre Portugal e Brasil — com largueza e elevado espirito de verdadeira cultura — muitas vantagens mútuas se poderão architectar. Entre facções portuguesas e facções brasileiras, com estreitas limitações subordinadas a caprichos secundários, o intercâmbio continuaria o mesmo divertimento infrutífero que tem sido. Creio bem que tal não acontecerá.

Julgo também que, para poderemos

cumprir o acôrdo, o nosso principal esforço tem de realizar-se no sentido duma demonstração eloquente, insofismável, de que a nossa vitalidade literária, artística, científica e social entrou em nova fase, com novos elementos de força e novos meios de luta.

No Brasil, e de maneira geral por toda a América, dizia-se que a Europa estava podre e não tardaria a dissolver-se. Acontecimentos da actualidade podem ser interpretados como sintoma de tal afirmativa, se não soubermos analisá-los com um pouco daquela calma que tanto se preconiza nos países tropicais. Não foi a Europa, fonte perene e inesgotável das mais brilhantes civilizações, que revelou aspectos de podridão. Foram as paixões infrenes, a demagogia louca, a ânsia de gozo e de perversos combates à dignidade humana que atingiram seu auge no palco central do mundo e aí delataram por entre violências e catástrofes de toda a ordem. Onde vierem essas pavorosas correntes de dissolução, como se concentraram nos pontos mais sensíveis do Planeta? Vieram do Norte e do Sul, do Oriente e do Occidente, pelo cinema e pela rádio, no ouro dos milionários e nos sortilégios demoníacos das bailarinas e estrelas de todas as cores e de todas as raças. Não foi a Europa que apodreceu, foi a podridão do mundo que escolheu a Europa para aí se exhibir. Quanto a nós, estamos há anos

dando provas dum vigoroso ressurgimento e de intransigente combate às peçonhas dissolventes. Com a reconstituição geral virá a nova renascença literária e artística e então a uma literatura brasileira, de crescente pujança e de notável variedade, poderemos nós corresponder com uma literatura portuguesa — continental e colonial — igualmente rica de valores e de novas expressões. Artistas, conferentes, professores portugueses brilharam ao lado de seus confrades brasileiros, com finalidade comum mas características próprias e personalidade distinta, como convém a povos autónomos.

O LIVRO PORTUGUÊS NO BRASIL

O livro português no Brasil tem desde sempre lugar de honra nas estantes dos estudiosos. De agora em diante, mercê de novas organizações distribuidoras, que tiveram a feliz lembrança de vibrar um golpe de misericórdia na rotina de certos distribuidores de vistas curtas, o nosso livro chegará ao grande público e será o veículo mais eficaz do intercâmbio. Os produtos da agricultura ou da indústria são limitados, não chegam para todas as necessidades dum país como o Brasil, que pode escolher entre outros muitos concorrentes. O livro em português só pode ser importado de Portugal e Portugal poderá fornecer dos livros que mais interessam ao público brasileiro quantidades ilimitadas. Basta para isso papel, tinta e transporte. O livro brasileiro, cheio de novidade e de cor, exuberante de raça e juventude, entra cada vez mais em Portugal e colónias. Estimula autores e editores, encanta os leitores. Prevejo para futuro próximo duas monumentais Coleções das duas literaturas, sistematizadas por ordem cronológica as obras mais representativas duma e doutra. Essa seria a melhor iniciação para as novas gerações e o mais precioso documento literário dos dois países.

O ACÔRDO CULTURAL

António Ferro, campeão exímio dos maiores êxitos jornalísticos, literários e de propaganda, usou no Brasil de todas as suas extraordinárias qualidades de fascinação e eloquência. E colheu, em sucessivos triunfos, todas as flores de entusiasmo, em que a fidalga hospitalidade brasileira não deixa nunca de ser pródiga para com os portugueses. O difícil é a continuação a distância, a realização metódica do acôrdo.

O Brasil é muito grande, muito rico e muito orgulhoso. E tudo isso criou-lhe um ambiente de profunda absorção de todas as energias e de todas as atenções, que o faz recluir sobre si próprio e exaltar quasi exclusivamente o que seja americano e de preferência o que seja brasileiro. Conseguirá o acôrdo de Setembro encontrar a fórmula hábil e prática que concilie lusismo e pan-americanismo dentro dos comuns interesses espirituais que inspiraram e ditaram as cláusulas aprovadas? Devem ser êsses, julgo, os votos de quantos têm pregado intercâmbio luso-brasileiro digno e fecundo.



Alvaro Pinto, fotografado para «Vida Mundial Ilustrada»



MUSSOLINI, durante a sua última visita à frente russa, conversa com o general italiano que comanda o corpo expedicionário em operações na Ucrânia.

TEMPO AO TEMPO

Por Francisco Velloso • CONCLUSÃO DA PÁGINA DEZ)



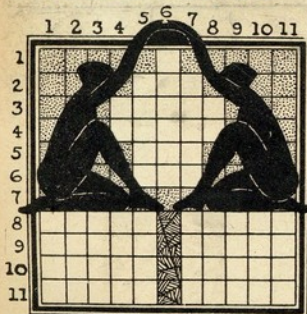
O NOVO ADIDO DE IMPRENSA à Embaixada da Inglaterra, Michael Stewart.



A SR.ª D. MARIA LUIZA FORJAZ TRIGUEIROS lendo a sua conferência na Casa da Madeira

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS



J. Pessoa P.

PROBLEMA N.º 8

HORIZONTAIS: 1—Vogal. 2—Altar. 3—Universo. 4—Cultivais. 5—Embarça. 6—Ruído. 8—Paixão; Ordenação. 9—Namorada; Estremeceer. 10—Ramificações; Navegava. 11—Pregara; Adormecimentos.

VERTICAIS: 1—Querido. 2—Querir bem. 3—Lódo. 4—Nociva; Perfume. 5—Aplausos; Arrasa. 6—Atavio. 7—Fixam dia; Seguras. 8—Arti-

go (pl.); Verdadeiro. 9—Calamita. 10—Cruel. 11—Rogas.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 7

HORIZONTAIS: 1—Cadafalso. 2—Cora; Eira. 3—Brio; Ame; Adir. 4—Aio; Crava; Ore. 5—Lá; Mãe; Ola; Ia. 6—Lar; Era. 7—Luir; Mal; Abri. 8—Ara; Era. 9—Ir; Ais; Tia; Sa. 10—Cem; Séria; Pór. 11—Amen; Mil; Rela. 12—Além; Noro. 13—Amarelada.

VERTICAIS: 1—Balalaica. 2—Cria; Rema. 3—Coio; Lia; Mela. 4—Aro; Marra; Nem. 5—Dá; Car; Ais; Má. 6—Are; Sem. 7—Fama; Sal; Rime. 8—Evo; Fil. 9—Lê; Ale; Eia; Na. 10—Siá; Arara; Dór (inu.). 11—Ordo; Aba; Pera. 12—Airi; Solo. 13—Realisara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

«A MULTIPLICAÇÃO MISTERIOSA»
publicado no último número

345
17
2415
345
5865

Frank não profetizava, como Ribbentrop, o fim da guerra no ano passado? E no entanto no dia 1 deste ano, em Berlim, o chefe das SS e da polícia alemã Heinrich Himmler bradava numa proclamação aos seus homens da guarda negra militarizada e da polícia: «O ano de 1941 exigiu de nós pesados sacrifícios e realizastes grandes coisas. O ano de 1942 exigirá esforços ainda maiores na luta contra o inimigo mundial.»

Não é para as datas que devemos olhar, é para os acontecimentos. Nada nos afiança que um facto súbito os não suste ou não desvie.

POR ENQUANTO



TIMOCHENCO

Ora, os sucessos por enquanto ainda não trazem em seu bôjo modificações apreciáveis. A reacção russa continua desde as fronteiras finlandesas até a Crimeia onde a reconquista de Kertch e Teodósia, ligada à abordagem de Timochnco a Karkov pela linha do Donetz até cerca de Mariupol definem, perante uma resistência gradualmente mais forte dos exércitos do Reich, o desenho futuro de uma batalha que o estado-maior alemão, com Von Brauchitsch à frente quis certamente prevenir e evitar por prematura, antes dos assaltos a Moscovo em outubro e novembro. Num comunicada da *Havas* de 7 de janeiro lia-se que a *linha de inverno* alemã ainda não fôra completamente atingida. E escrevia-se que os exércitos soviéticos atacam nos mais variados pontos, sem que se possa, porém, falar, por enquanto, de ofensiva coordenada de grande envergadura; que os exércitos alemães cedem terreno palmo a palmo e infligem aos russos consideráveis perdas. Que todavia, a execução do plano, que consiste em organizar quartéis de Inverno, é demorada pela necessidade de continuar, sem interrupção, a campanha durante o Inverno; que as posições estratégicas importantes, como as de Schlussemburgo, dos rios próximos de Moscovo, de Kharkov e da Crimeia, são cada vez mais ameaçadas pela pressão russa, e que as operações na Crimeia atraem, em parti-

cular, a atenção, pela entrada em cena da aviação e da esquadra soviética do Mar Negro.

Das duas, uma:—ou Timochnco logra levar a fundo uma contra-ofensiva feliz, e todo o plano europeu de Hitler fica sustado como ficou por igual motivo «a explicação com a Inglaterra»;—ou a reacção moscovita fica a raspar no terreno depois de alcançarem imediatos triunfos, e a Alemanha, poderá desdobrar para oeste ou em África os seus esforços sem receio. Hitler depende mais da frente oriental do que das decisões tomadas em Washington.

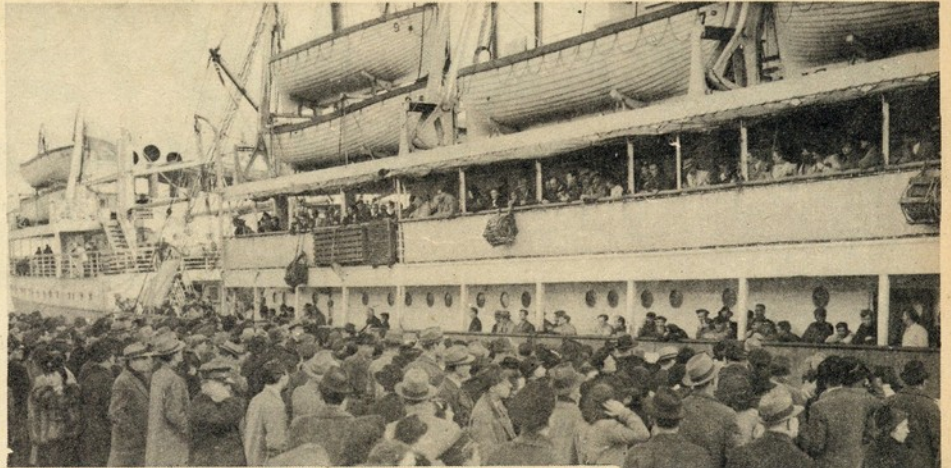
Assim se vê ainda no norte de África. Qual o objectivo britânico da ofensiva de Ritchie, até agora vitoriosa sobre Rommel, vítima do desgaste dos seus meios defensivos que a Alemanha, devido à guerra a leste e à esquadra de Cunningham não pôde suprir? Unicamente o desafogo no Mediterrâneo Oriental e Central? Este já está conseguido. É preciso ver mais longe. A ofensiva de Ritchie desperta um estrangulamento eventual da frente do Egipto feito, dum lado por Rommel e de outro por um exército alemão já acumulado na Bulgária e na Trácia contra a Turquia e em direcção ao Próximo Oriente — repetindo-se assim o assalto alemão que impediu Wavel de acudir à Grécia. Auchinleck antecipou-se tomando a ofensiva antes que Hitler a tomasse contra ele, e forçando o alemão a derivar da Rússia alguns meios de ataque, entre os quais a aviação, na altura em que Timochnco contra-atacava.

O caso do Norte de África, conquanto repercuta em Vichy, liga-se directamente à frente russo-alemã, tanto como o desaparecimento da ameaça sobre o Cáucaso liberta Wavel para acudir ao avanço deflagrador do Japão no sudoeste do Pacífico, descendo a caminho de Singapura, chave dos Estreitos e por Bornéu e restantes ilhas, às ameaças às posições vitais da Austrália e da Holanda, bases de resistência que, com o resto das Filipinas e uma já desenhada e séria ofensiva de Chang-Kai Chek, são essenciais, até que, a recuperação e redistribuição das forças anglo-americanas sob novos e felizes comandos no Pacífico, possam, reassumir contra Tóquio a função que lhes compete. Tojo tornou a advertir a Dieta de que não se devem ver as coisas com cego optimismo. E tem carradas de razão. Tempo ao tempo.



O PINTOR JOSÉ AMARO JÚNIOR fazendo a sua conferência na Casa da Itália, num programa organizado por Oliva Guerra.

Vida PORTU GUESA



ANTÓNIO FERRO, director do Secretariado da Propaganda e da Emissora Nacional, regressou da sua viagem às repúblicas sul-americanas, onde foi com uma missão honrosa — a de estabelecer mais íntima colaboração entre Portugal e o Brasil. O paquete «Niassa», onde viajou, era aguardado por numerosas pessoas que lhe testemunharam o seu aplauso pela sua notável obra e pela maneira como se desempenhou da missão de que se incumbira. Em cima, um aspecto do cais de Alcântara quando o navio atracava. Em baixo, António Ferro fala, à chegada, ao microfone da Emissora Nacional. Junto d'êlé, vêem-se, entre outras pessoas, sua esposa, a poetisa Fernanda de Castro, o almirante Gago Coutinho, o sr. dr. Augusto de Castro e o embaixador do Brasil, dr. Araujo Jorge.



DOIS ASPECTOS DA FESTA efectuada no Dia de Reis na Embaixada de Espanha. À esquerda, as crianças espanholas a quem foram oferecidos um lanche e brinquedos.

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação dos números anteriores)

CAPITULO IV

UM PROBLEMA DESCONSERTANTE

CHARLES Read sentia-se absolutamente desconsertado com o que se passara em casa do milionário John King. Perguntava a si mesmo, um tanto irritado, a razão por que aquêlê homem o convidara para jantar, na companhia da esposa e da filha, em cuja presença se sentira tão acanhado, receoso de cometer algum desacôrto de etiqueta. Seria apenas para lhe dar uma prova de consideração? Teria qualquer outro designio que não conseguira apreender?

Na manhã seguinte, duvidando de que suas faculdades mentais estivessem bem claras, contava o caso minuciosamente ao seu ajudante Jack Harman, para que êle lhe desse sinceramente a sua opinião sôbre o sucedido. E Harman, que, por mais de uma vez, se revelara bastante arguto perante problemas aparentemente mais difíceis, confessara-lhe a mesma estranheza que êle sentia.

A atitude de John King era pouco compreensível. Durante o jantar, na presença de «mistress» Joan King, se nhora dos seus quarenta e tal bem conservados, e de «miss» Maud, a filha, uma cópia mais gentil e fresca da mãe, nos seus vinte e dois anos muito vivos e atraentes, não se aludira sequer ao assunto que o levava ao palácio da Décima Avenida.

Conversou-se um pouco de tudo, principalmente de coisas que eram pouco familiares a Charles Read, que vivera até então uma vida muito restrita, longe dos altos meios sociais e mundanos, em que a família King vivia como peixe na água. O polícia só se sentiu à vontade, quando «miss» Maud lhe perguntou se gostava de poesia. Tinham-lhe tocado na corda sensível. Read embrenhou-se no assunto com tal entusiasmo que chegou a gesticular e a recitar alguns versos que conservava de memória.

John King, observando-o, sorria com bonomia e escutava, sem «meter o seu bedelho», como êle próprio dizia, porque do assunto não percebia «nem patavina». Não gostava de «meter a foice em seara alheia». Se se tratasse de máquinas, ou de operações de Bôlsa, de qualquer coisa que metesse cifras, então falassem com êle. De poesia, porém, nada percebia e achava que era quási uma brincadeira pueril, para se exprimir uma ideia, fazê-lo com linhas incompletas, desperdiçando papel, e rimando as palavras de tantas em tantas linhas. É certo que, às vezes, saíam dêsse jôgo habilidoso de vocábulos umas coisas bonitas, mas de fraco préstimo.

«Miss» Maud chamou-lhe bárbaro, simplesmente um bárbaro, pior do que os selvagens, porque até êstes eram sensíveis à Poesia. E o jantar, que fôra abundante e demorado, terminara sob uma tempestade amável de frases duras trocadas entre pai e filha, sob as vistas complacentes de «mistress» King e um ligeiro mal-estar de Charles Read, que pressentia naqueles gracejos azêdos um certo azeidume entre Maud e o milionário.

Finda a refeição, passaram a uma sala luxuosamente mobiliada onde tomaram o café, um «moka» excelente, aromático, cujo paladar casava admiravelmente com o perfume dos «Havanas» que John King mandava servir. A conversa deslizara então para assuntos mais fúteis, em que as duas senhoras tomaram parte entusiástica, soprando o fumo das suas cigarrilhas.

Charles Read ardia em impaciência por achar-se a sós com John King. Este apresentara-o à mulher e à filha como polícia particular, dizendo que ia utilizar os seus serviços na descoberta de um pequeno furto que se verificara numa das suas fábricas. Coisa de pouca monta, mas que convinha ataihar antes

ter. Charles Read sôbre o caso da fábrica.

O polícia apresentou as suas despedidas às senhoras, fazendo talvez umas mesuras demasiado europeias, e seguiu o milionário, com o coração em alvôrgo. Lá, enfim, entrar a fundo no mistério da esfera de aço.

O gabinete de trabalho de John King era um vasto salão onde se poderia dar um baile, coberto por uma tapete enorme e fôta, de côres sombrias, em que o som dos passos morria abafado. A secretária imensa lembrava vagamente um trono, do alto da qual o milionário ditava as suas duras leis de rei do milhão. Em tôrno, em largas estantes, de madeira escura como a

lioniário lhe parecia mais familiar, mais acessível.

— Ora, até que enfim, podemos falar à nossa vontade! — exclamara êle, ao achar-se só com o polícia. — Você, aqui, pode gritar, barafustar, que nem uma palavra transpira lá fora. Este gabinete obedece a uma construção especial. Têm-se aqui discutido coisas, que nem a família, nem a criadagem que vive nesta casa, poderiam sequer imaginar. «O segredo é a alma do negócio», e mal vai ao homem de negócios se não sabe guardar bem os seus segredos.

Charles Read escutava-o, com deferência, mas a sua vontade era gritar-lhe: «Deixe-se de palavreado e vamos ao que importa!» Continuava-se, porém, e revestia-se de tôda a paciência para esperar que a grande oportunidade chegasse.

Adivinhando-lhe talvez o pensamento, John King dirigiu-se para o fundo do salão e, com um gesto, convidou-o a aproximar-se. O polícia acorreu, ligeiro, presentindo alguma coisa de estranho.

O milionário detivera-se perante a parede lisa, forrada de damasco lavado. Ao alto via-se um grande quadro de grossa moldura de ouro, que representava uma curiosa cena de caça. Julgou Read, não sem um certo despeito, que o homem de negócios o chamara apenas para contemplar aquela obra de arte. Efectivamente, King perguntara-lhe com um sorriso enigmático:

— Que tal acha esta pintura?

— Bonita, — pronunciou o «detective» entre dentes, irritado com mais aquêlê desvio do assunto que ali o levava.

— Pois posso garantir-lhe que é ainda mais bonita do que lhe parece — redarguiu o milionário, com um sorriso de triunfo. — E vou provar-lho neste mesmo instante.

Charles Read olhou-o intrigado. A atitude do seu interlocutor parecia-lhe cada vez mais enigmática. Entretanto, o milionário aproximara-se mais da parede, começando a tateá-la com os dedos em que luziam anéis de grande preço.

O «detective» adivinhou-lhe então o intuito: tentava abrir uma porta secreta. Efectivamente, sob a pressão dos dedos do milionário, a parede cedeu, começando a abrir-se uma porta admiravelmente disfarçada pelos lavrados do damasco que forrava a sala. Não tardou em apparecer aos olhos atentos do polícia, uma porta blindada, como a de um cofre, para a qual John King apontou, dizendo:

— Era aqui dentro que estava guardada a esfera de aço. Foi daqui que ela desapareceu. Não havia vestígios de arrombamento. A fechadura é de segredo... o segredo só eu o conheço. Se eu morrer sem ter tempo de revelar o segredo dêste cofre, ninguém o poderá abrir, a não ser a dinamite...

Charles Read ficou um momento silencioso a olhar aquella porta de aço, cinzenta, muda, estíngica. Depois, aproximou-se para lhe tocar, mas, num movimento brusco, King deteve-o, gritando:

— Que vai fazer, homem?!

Havia uma tal expressão de alarme nos olhos do milionário, que o «detective» recuou instintivamente um passo.

— Você queria morrer electrocutado?! — pronunciou King, por fim, ainda per-



— Era aqui dentro que estava guardada a esfera de aço.

que houvesse a lamentar perdas mais avultadas. No momento, porém, em que o milionário referia, em tom negligente, êste roubo imaginário, Charles Read julgou surpreender em «miss» Maud um sorriso levemente irônico; mas talvez não passasse de simples impressão sua. King afirmara que nem a esposa nem a filha conheciam sequer a existência da esfera de aço. Portanto, a vaga suspeita que sentira de que «miss» Maud adivinhara o objectivo da sua visita não tinha cabimento.

Pouco depois de tomado o café, ainda com o charuto em meio, a lumegar ao canto da boca, John King erguera-se do «maple» onde se instalara e participara que se retirava para o seu gabinete de trabalho, a fim-de trocar algumas impressões com «mis-

da secretária, guardavam-se milhares de «dossiers» e livros de tudo quanto respeitasse a técnica fabril ou de negócios. Ali, os volumes dos poetas ou dos literatos, tão amados de Charles Read, sentir-se-iam asfixiados, entre os compêndios de contabilidade e da resistência dos materiais.

Uma iluminação discreta espargia-se no ambiente austero, no qual os pensamentos pareciam acalmar-se para a meditação e o estudo. Charles Read sentia-se ali mais à vontade do que nas outras dependências do palácio, que lhe falavam demasiado da sua pobreza e da sua insignificância. Já ali não estavam tão pouco as senhoras que o constrangiam a manter-se num esparrilho de etiqueta a que não estava habituado. O próprio mi-

turbado. E acrescentou:—Esta porta está ligada a uma corrente de alta tensão. A parede exterior que acabei de abrir é que a isola.

Dizendo isto, voltou a tatear na parede com os dedos enjoados e, lentamente, a porta de damasco tornou ao seu lugar, sem apresentar aspecto de que ali pudesse haver qualquer escondido.

John King afastou-se daquele local misterioso e foi sentar-se mais longe num «maple», convidando o «detective» a imitá-lo. Não sabia este último que ideia havia de formar do que acabava de presenciar. Acudiam-lhe à mente inúmeras interrogações, mas não sabia como as havia de formular.

Aquele homem, que ali estava na sua presença, parecia-lhe cada vez mais estranho. A esfera de aço devia ter para ele um valor incalculável para assim a guardar com tantas precauções. De súbito, uma pergunta escalou-lhe os lábios e não pôde resistir a formulá-la.

—Diga-me, «mister» King, este cofre foi feito de propósito para guardar a bola de aço?

O outro olhou-o, primeiro, muito sério, depois, sorrindo, retorquiu-lhe:

—O senhor preocupa-se demasiado com o valor desse objecto, meu caro Read. A sua pergunta visava apenas a obter, por uma maneira indirecta, uma ideia aproximada do valor da esfera. Se eu lhe respondesse que aquele cofre tão engenhoso e caro, fôra feito de propósito para guardar a esfera, o senhor obtinha a medida da importância que ela para mim representava. Ora, eu pretendo apenas que você empregue a sua grande argúcia em descobrir esse precioso objecto e em mo restituir. Nada mais...

Fêz uma pausa. Tirou uma grande fumaça e acrescentou:

—Mas vou satisfazer a sua curiosidade: o cofre não foi feito para guardar a esfera, pode crer. Mas se fôsse preciso fazer-se um cofre como este para a guardar, eu não hesitaria um momento em mandá-lo construir de propósito. Digo-lhe mais: se adivinhasse, que um resguardo aparentemente tão sólido, como este que acabo de lhe mostrar, não bastava para a conservar em meu poder, garanto-lhe que teria arranjado outro melhor.

Charles Read não perdia nem uma das suas palavras. Cada vez mais se convencia de que a esfera representava para aquele homem incomensuravelmente rico um valor talvez muito maior do que a sua própria fortuna. Mas porquê? Uma simples bola de aço!

—É muito difícil — disse pausadamente o polícia — orientar as investigações sem se conhecer o que a esfera significa para o senhor, ou que espécie de atractivo teria para provocar a cobiça dos ladrões.

John King voltou a sorrir e opôs:

—Faça de conta que se trata de uma jóia de alto preço e estimação. Por aí pode avaliar do aprêzo em que a tinha e da cobiça que poderia suscitar em alguém.

Decididamente, aquele homem tinha o seu segredo mais herméticamente fechado do que a esfera. Se ele pudesse ter escondido a esfera na sua alma, como ocultava o motivo do aprêzo que lhe tinha, ninguém de certo lhe teria furtado.

Read recalçou mais uma vez a sua curiosidade. Examinou interiormente a sua situação perante a tarefa que lhe destinavam. Só tinha duas atitudes a tomar: ou proceder cegamente às investigações, ou desistir. O caso, porém, precisamente pela dificuldade, tentava-o cada vez mais. Sentia que se, naquele momento, confessasse ao milionário a sua desistência, sofreria um abalo moral muito comparável a um desaire, a uma derrota. Aquele mistério, que faria desistir outro qualquer, era o que mais o empolgava. John King mostrava-se impenetrável quanto ao significado da esfera, ao seu valor, à sua importância. Deixá-lo! Quem sabe se, com a descoberta do paradeiro da esfera, não obteria simulta-

neamente a chave do mistério que John King mantinha tão cerrado?

Para Charles Read só havia um caminho: meter ombros à tarefa. Mesmo que o milionário lhe pedisse a sua desistência, iria para a frente, como um homem que já não pode deter-se num declive, mesmo que este termine num abismo.

—«Mister» King, — disse ele, após uma longa pausa — não tenho o menor interesse pessoal em conhecer o verdadeiro valor da esfera. Tanto se me dá que ela seja de aço ou de ouro. Se lhe fiz algumas perguntas que lhe pareceram indiscretas, não foi por indiscreção, mas, como já lhe disse, por necessidade de me orientar. O senhor entende que esses pormenores não são necessários à investigação. Está muito bem. Submeto-me ao seu critério.

—Os investigadores que o precederam sabiam tanto como o senhor do valor que a esfera representa — disse o industrial. — Se falharam na sua missão, não foi porque lhes faltassem esses pormenores que não podiam ter a menor influência nas pesquisas.

—Perfeitamente — anuiu Read, já impaciente por acabar com aquela discussão estéril. — Preocupemo-nos, portanto, apenas com os elementos que possam auxiliar a investigação.

—Estou às suas ordens.

—Suspeita de alguém que tivesse possibilidades de abrir o cofre e tirar de lá a esfera? — inquiriu o «detective».

—Todos os investigadores me fazem essa pergunta! — exclamou King com um riso de bom humor. — Mas, enfim, respondo mais uma vez: Não suspeito de pessoa alguma. Acha extraordinário, não é verdade? Mas não suspeito, garanto-lhe, nem de criados, nem do meu secretário, nem de qualquer pessoa que possa viver na minha intimidade ou mesmo afastada...

—Ninguém mais poderia abrir o cofre?

—Já lho disse: ninguém. O cofre está ligado à corrente eléctrica; além disso, tem uma fechadura de segredo, que só eu conheço, e, para maior precaução, a chave está guardada noutro cofre de segredo...

—Hum... — resmungou Read, entre dentes.

—É um caso bocado, não acha? — pronunciou o milionário.

—É um caso... esférico — redarguiu o polícia, com um riso forçado.

Ele ria, mas, na verdade, a vontade de rir era pouca. O caso era, realmente, esférico, fechado, sem ponta por onde se lhe pegasse.

—Havia pessoas na sua intimidade que soubessem que o senhor possuía essa esfera e lhe atribua grande valor?

—Ninguém — respondeu John King, prontamente.

—Nem sua esposa?

—Nem minha esposa.

—Nem sua filha?

—Nem minha filha. Ninguém — disse

King, com firmeza. — A esfera foi-me entregue aqui, por alguém, cujo nome não interessa. Esse alguém saiu. E eu, sem testemunhas, dirigi-me àquele cofre e guardei a esfera, com as precauções que sabe. Lá esteve muito tempo. Até que um dia...

—Desapareceu.

—Como vê, não há nada mais simples.

—Muito simples, realmente — concordou o «detective», coçando na cabeça.

—Isto lembra mais um enigma de adivinhação do que um furto engenhoso, não lhe parece? — proferiu o milionário.

Charles Read fitou-o, muito sério, por um momento. Teve uma suspeita de que aquele homem estava a caçar da sua boa fé. Mas depressa afastou essa ideia. Que interesse teria um homem tão rico, tão ocupado em mil e um negócios, em divertir-se com um pobre polícia particular no início da sua carreira, desejo de produzir trabalho útil e com tão pouco tempo a perder com brincadeiras de mau gosto?

O caso era, realmente, enigmático. Não apresentava sequer um interstício

por onde pudesse entrar uma réstea de luz. Nunca na sua carreira de «detective» se lhe deparara uma situação semelhante. Deixava o investigador em plena treva, sem saber para onde orientar os seus passos.

De súbito, teve uma ideia.

—Quem construiu o cofre? — inquiriu.

—Já esperava essa pergunta. Outros ma tinham feito antes de si. Desde já lhe afirmo que esse caminho não conduz a coisa aproveitável... Olhe, os planos são meus. Mandei executar as várias peças de que se compõe aquele engenho em fábricas diferentes. Por uma peça solta — uma mola, um parafuso, uma porca, uma linguieta, uma alavanca — é impossível reconstituir-se o todo. A montagem foi feita por um operário de Kansas, que tratou de uma parte, outro de São Francisco, que se ocupou de outra parte. As últimas peças foram colocadas por mim, bem como a fechadura e o segredo. E os planos foram queimados por minhas próprias mãos, ali, naquele fogão.

E apontava um lindo fogão de mármore que se via ao fundo do gabinete. O polícia teve um sorriso amargo e pronunciou, num desatino:

—Chega-se à conclusão de que a única pessoa que poderia ter tirado a bola de aço... foi o senhor.

John King soltou uma gargalhada.

—Depois, com gravidade, proferiu:

—Se fôsse eu, meu caro Read, não me queixava, nem me ralava, nem teria gasto o dinheiro que já gastei para a reaver.

E após um curto silêncio, interrompendo as locuções em que o «detective» mergulhara, disse:

—Não se precipite, Read. Receio que você, afinal, ainda esteja quasi tão cru como o julgava há um ano. Acho que o melhor é dormir sobre o caso, meditando, traçar talvez um plano de acção, enfim, conversar com os seus botões sobre o assunto e depois lançar-se ao trabalho. Tem-me sempre ao seu dispor para todos os informes.

Quando quiser alguma coisa, telefone-me, combinaremos um encontro e cá estou para batalharmos sobre o caso. Peço-lhe que não deixe nunca de ter presente isto: preciso de reaver a esfera, custe o que custar. Se tiver dificuldades monetárias, seja franco

comigo... Amanhã, um empregado meu visitá-lo-á no seu escritório, para lhe levar alguma coisa para as primeiras despesas. E sempre que precisar é só dar as suas ordens.

Charles consultou furtivamente o seu relógio. Já passava da meia noite.

Despediu-se do milionário e saiu para a Décima Avenida, com a cabeça a escaldar.

Tinha necessidade de ar fresco. Veio andando a pé ao longo daquela artéria interminável. Tudo o que ouvia e observava essa noite andava aos baldoes no seu cérebro. E pensava, com um sorriso interior, na falsidade daquelas «detectives» de novela policial, que tanto detestava, que eram apresentadas ao leitor como modelos de seriedade, de fleuma, como se, em vez de nervos, possuíssem fios de aço e, em vez de uma massa encefálica sensível, uns rodízios de rolójaria.

Havia lá policial de carne e osso que não se sentisse profundamente perturbado com a cena que acabava de viver?

Por fim, fatigado de andar, atirou-se para dentro de um «taxi» e mandou seguir para Oakland Street. Mal se apanhou em casa, deixou-se cair no leito como uma massa inerte. Mas a noite não lhe serviu de repouso. Passou-a numa meia inconsciência fatigante a sugerir hipóteses, a construir suspeitas, a odiar aquele «mister» King, que parecia aguardar, desde há um ano, o momento em que havia de envenenar-lhe a alma com aquele problema desesperador.

De manhã cedo, atirou-se para debaixo da ducha fria e ficou mais calmo. Mas a sua serenidade não passava de aparência. Agitava-o, de quando em quando, um leve tremor, que logo refreava, impondo-se um freio aos seus nervos.

Quando Jack Harman chegou, narrou-lhe quasi de um fôlego a sua aventura da noite anterior. Se o ajudante esboçava uma interrupção, ele logo acudia:

—Cala-te! Deixa-me falar até ao fim!... Depois, dirás a tua opinião.

E no fim, Jack Harman não tinha opinião. Parecia-lhe tudo muito estranho, confuso, à força de ser claro, fechado, esférico, como a tal bola que o milionário pretendia reaver.

(Continua)

Pudé

Bom Gosto...

Não revela somente, quem oferece um elegante ramo de flores. Também na escolha da casa para a execução dos seus trabalhos V. Ex.ª dá uma prova de BOM GOSTO.

OS ATELIERES GRÁFICOS
BERTRAND IRMÃOS, L. DA
PRIMA PELLA QUALIDADE
DOS SEUS TRABALHOS

RAZÕES PROFUNDAS DA GUERRA NO EXTREMO-ORIENTE

pelo Tenente-Coronel LELLO PORTELLA

(Conclusão da página 2)

petição são organizados entre os samurais, a fim de desenvolver o espírito de emulação e dar o sentimento da vitória.

O Samurai usa duas espadas, uma grande, símbolo da defesa da sua honra pessoal e da vontade do Imperador, outra pequena, destinada a fazer-se justiça a si próprio, quando a sua honra foi maculada.

A vida do Samurai não se compadece com uma existência de compromisso da honra pessoal.

Quando o Samurai se considera desonrado suicida-se, numa cerimónia especial, Hara-Kiri, abrindo-se o ventre com a espada pequena.

Durante este acto o «paciente» não deve contrair qualquer músculo, o que poderia denotar sofrimento ou menos coragem.

O Samurai pode também cometer o Hara-Kiri, como um gesto de solidariedade e de dedicação pelo Imperador, pelo seu Senhor, ou por alguém que ele tomou como exemplo (em geral uma grande figura militar).

O Buschido representa a verdadeira alma do Japão.

O actual presidente do Governo, o general Tojo, é samurai.

Antigamente, as forças armadas eram quasi exclusivamente formadas por Samurais.

Actualmente, com o serviço militar obrigatório, o recrutamento faz-se sobretudo entre os «Nós» (camponeses), que se consideram superiormente honrados por serem admitidos no Buschido (caminho do guerreiro).

As fases, ou eras principais da vida japonesa, sucedem-se da forma seguinte: regime de clãs, regime medieval e regime constitucional.

A formação do corpo do Estado japonês data aproximadamente da época do nascimento de Cristo e compreende três eras distintas:

— a 1.ª, é a era do Taika, no século VII, que cria um sistema de organização decalado na China.

— a 2.ª, é a era do Xogunado, que se inicia no século XII e cria uma organização feudalista.

Neste regime, o imperador continua a ser venerado como representante divino, porém não se ocupa directamente da administração e governo do país.

Este é exercido pelo «Xogun», de quem dependem os senhores feudais, que possuem os seus exércitos próprios. O «Xogun» é pois o intermediário entre o imperador e o povo, sendo o verdadeiro soberano temporal.

Nesta época firma-se mais a distinção de classes — nobreza (senhores), guerreiros, camponeses, comerciantes e artistas.

O Xogunado caracterizou-se, nos dois últimos séculos da sua existência, por uma era de isolamento. O Japão fechou-se dentro de si próprio, encerrando os portos aos estrangeiros.

Isto teve por efeito uma série de intervenções estrangeiras (russas, alemãs, francesas, americanas e holandesas), que foi iniciada em 1842 pelos americanos.

Em 1842, são abertos os portos aos estrangeiros.

De 1861 a 1863, desenvolveu-se um grande sentimento xenóforo, com manifestações violentas contra os brancos, que provocou novas intervenções.

Em 1867, acaba definitivamente o Xogunado e inicia-se a era de Meiji ou do Ishin, que constitui o período áureo do engrandecimento do Japão.

A era de Meiji nasce dum verdadeira revolução interna, em que o Xogun abandona a luta invocando o «Perigo Branco», e a fim de evitar novas intervenções estrangeiras.

No último período do Xogunado, foi abatido o poder dos Senhores feudais

— que tiveram que ceder todos os seus domínios e exércitos em favor do Imperador.

Aos Senhores era obrigatória a residência temporária em Tóquio, onde acabaram por gastar os últimos recursos, passando então a exercer funções públicas ou desempenhando cargos junto da corte imperial.

O Ishin deu ao Japão a riqueza e a prosperidade económica; desenvolveu o comércio, a indústria e a ciência.

Para a Europa e América foram enviados os estudantes instruídos nas escolas ocidentais, frequentar cursos técnicos e estudar a economia ocidental capitalista.

Os oficiais japoneses foram admitidos a estagiar nos exércitos e armadas ocidentais.

O Japão desenvolveu-se sob o signo da civilização ocidental.

A população das 3 ou 4.000 ilhas, que constituíam o Japão antes da época do Meiji, passou de 30 milhões para 65 milhões. O acréscimo populacional continua a realizar-se à cadência de 1 milhão por ano.

c) Princípio expansionista

A partir deste momento, lança, o Japão, as suas vistas sobre o continente, e proclama a necessidade de aumentar o seu «espaço vital».

Esta tese é apresentada, inicialmente, pela invocação da necessidade da criação dum «linha vital de defesa».

A ambição expansionista encobre-se assim debaixo da capa dum attitude defensiva.

Esta ideia amadurece entre 1888 e 1894, período durante o qual se vão criando as forças preciosas para a sua execução.

Em 1894 entra em guerra contra a China, desembarcando na Coreia, onde pretende criar um estado tampão, que diz ser indispensável à sua segurança e defesa.

Pelo tratado de Shimonoseki, a China cede-lhe uma larga concessão na Coreia, e aqui se inicia a realização da aspiração nipónica de alargar a soberania do Imperador sobre um vasto império continental.

Após Shimonoseki, a China conclue com a Rússia um tratado secreto, em que estas duas potências criam uma politica de defesa comum contra o perigo nipónico.

Pela intervenção germano-franco-russa é o Japão obrigado a ceder à Rússia o Liao-Tung.

A Rússia instala-se na Mandchuria. Após a guerra russo-japonesa, cede a Rússia ao Japão toda a Coreia pelo tratado de Portsmouth de 1905.

O Japão procura o apoio da Grã-Bretanha, com quem estabelece um tratado de aliança.

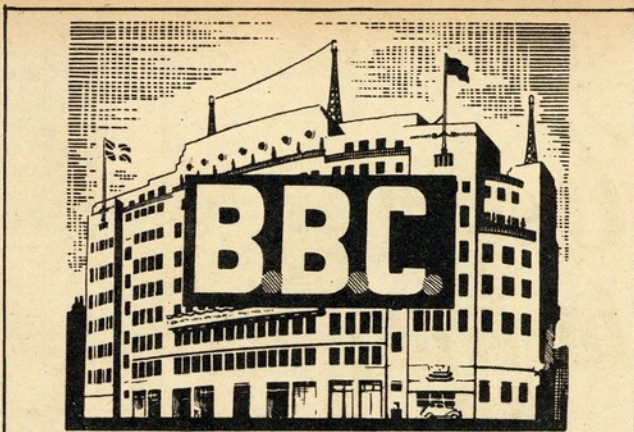
A Alemanha denuncia ao mundo o «perigo amarelo», e o Kaiser proclama a necessidade da união dos povos de raça branca para se conjurar este perigo.

Entretanto, o Japão alarga a sua linha vital de defesa para a Mandchuria, invocando a necessidade de protecção da Coreia, que anexa em 1910.

No conflito mundial de 1914-1918, coloca-se o Japão ao lado dos aliados, do que lhe resulta herdar o mandato sobre as possessões e concessões alemãs da Ásia e do Pacífico.

De então para cá formam-se dois grandes partidos no Japão — o partido imperialista que apoia a expansão nipónica na força das armas, e o partido moderado que deseja obter a mesma expansão por forma pacífica.

O primeiro tem o apoio do Exército e da Marinha, enquanto que o segundo se apoia na aristocracia e na finança.



a voz de Londres FALA E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hóras	Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O 19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	G S C 31,32 m. (9,58 mc/s)
		G S B 31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149+kc s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Criai o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C. A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

O Imperador conserva-se sempre acima dos partidos e continua a ser venerado por todos.

No período constitucionalista houve dois grandes partidos: o «Seikai», conservador que se inclina para o Exército, e o «Minseito», mais radical e turbulento, que se inclinava para a Marinha.

Em 1895, o governo do príncipe Yamagata introduz na forma da constituição governativa um privilégio especial para o Exército e Marinha.

Os ministros destes dois departamentos do Estado devem ser escolhidos entre os oficiais de alta patente das duas instituições militares, e dependem directamente do Imperador.

Esta reforma veio reforçar a acção da politica militarista, que se tem desenvolvido desde então.

O Exército e a Marinha estiveram durante algum tempo separados na sua politica, não quanto ao fundo da tendência expansionista e imperialista, mas quanto à forma de realização.

O Exército entendia que a expansão se deveria exercer sobretudo segundo a «linha vital» do continente para Norte, na direcção da Sibéria.

A Marinha via a sua linha vital dirigida para Sul — sobre as bases da China Meridional, as Indias Neerlandesas e os mares da Austrália e o Pacífico.

Da junção destas duas teses se criou a fórmula do «círculo de ferro de defesa vital», que é formado pela linha geral: Vladivostok, costa chinesa, Indo-China, península de Malaca, ao Norte, e Samatra, Java, rosário das ilhas Molucas (incluindo as Filipinas), ilha de Guan, Midway e ilhas Hawái, ao Sul.

A intervenção na Mandchuria em 1931, e a progressão até à Mongólia exterior, que esbarrou nas suas tentativas de penetração na Sibéria pela energética resposta dada pelas forças do general Blucher aos incidentes da fronteira coreo-russa, são o resultado da politica do Exército.

A ocupação do litoral chinês da Indo-China, e a guerra actual contra

as possessões anglo-americanas e Neerlandesas são a satisfação dada à politica da Marinha.

O conflito actual no Extremo Oriente é, portanto, a resultante dum politica longa e maduramente meditada e preparada.

Nenhuma ocasião se apresentaria como melhor oportunidade para a sua realização do que o actual momento, em que a América e a Inglaterra estão absorvidas pela guerra contra as potências do «Eixo».

Esta guerra obriga a absorver a maior parte das forças navais destas duas potências no Atlântico e no Mediterrâneo.

A guerra do Pacífico é um episódio muito secundário perante a guerra do Atlântico e do Mediterrâneo.

As potências do «eixo» viram no conflito do Pacífico a esperança de distrair as forças do Atlântico e enfraquecer assim a via principal dos reabastecimentos de guerra para as batalhas da Europa, da África e do Médio-Oriente.

Parece, porém, que nem a Grã-Bretanha nem a América se deixaram desviar do objectivo principal, distraindo forças para um teatro absolutamente secundário.

A vitória da guerra europeia, pensam eles, e parece que com razão, trará a vitória final no conflito mundial.

A politica japonesa deve ter calculado com isto mesmo e foi aproveitando a ocasião para alargar o seu «círculo de defesa vital», na esperança talvez de um compromisso futuro.

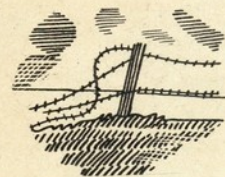
O povo japonês julga estar lançado, pela sua fé divina, na missão que lhe foi reservada pela Deusa Amaterasu de levar aos outros povos a sua regeneração.

Amaterasu (deusa do Sol), aliada talvez de Susamowo (deus das tempestades), estão, pois, em luta com «Minerva», que para nós occidentais possui a dupla representação da «guerra», com todo o seu poder de vencer, e da sabedoria e ponderação, com todo o seu poder de civilização, — amor, fraternidade e justiça.

Assim o inverno na RUSSIA



SOB TEMPESTADES DE NEVE e a temperaturas extremamente baixas, a luta prossegue ao longo de toda a frente oriental. Em cima, um trem de munições alemão chegando ao local de descarga. À esquerda, uma patrulha de reconhecimento de infantaria germânica atravessando, ao romper da manhã, as defesas de arame farpado duma posição dos soldados russos.



UM ASPECTO DOS AQUARTELAMENTOS DE INVERNO dos soldados alemães durante os meses que decorrem até à Primavera. São quentes e espaçosos, alguns subterrâneos para onde se entra por uma cratera aberta no chão (foto em baixo). Em baixo (à direita): Soldado alemão dum patrulha de reconhecimento vigia atentamente a planície coberta de neve.



SOB A BANDEIRA DAS ESTRELAS E DAS LISTAS, um aviador norte-americano da base de S. José da Califórnia sorri confiadamente para o céu.

